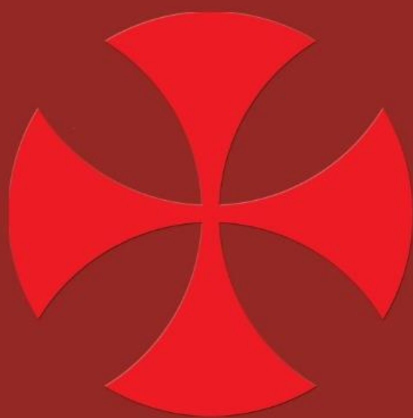


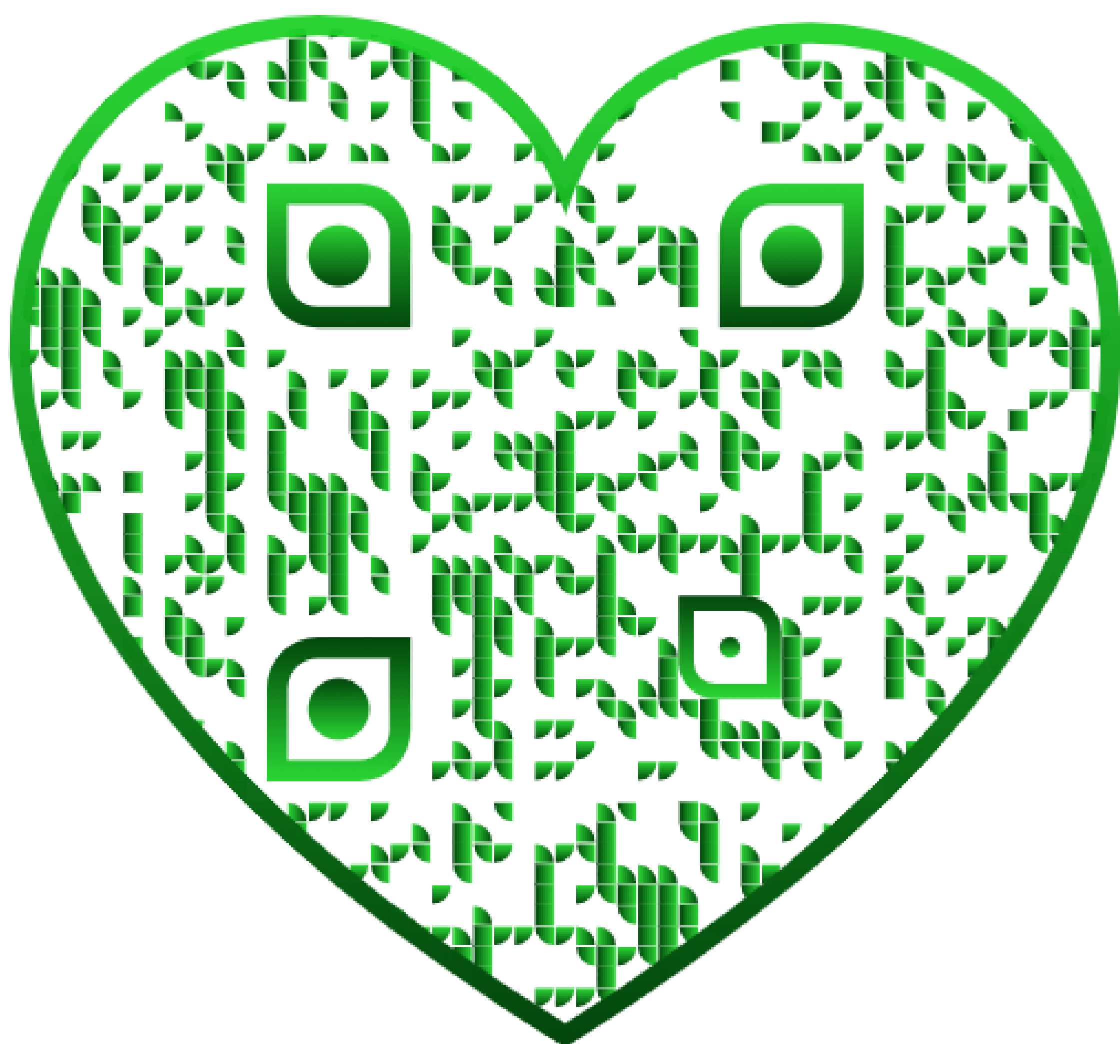
Sociedade das Ciências Antigas



Instruções aos Homens de Desejo



Louis Claude de Saint-Martin





Sociedade das Ciências Antigas

INSTRUÇÕES AOS HOMENS DE DESEJO

POR

Louis Claude de Saint Martin



TRADUZIDO DO ORIGINAL INGLÊS:

"INSTRUCTIONS TO THE MEN OF DESIRE"

INTRODUÇÃO

Martinista é o discípulo de Martinez de Pasqually, vinculado à sua gnose e à teurgia cerimonial que a aplica.

Martinista é o maçom do Rito Escocês Retificado da Ordem dos Cavaleiros Benfeitores da Cidade Santa, cujos rituais e instruções" conservam a mesma herança teosófica, vivificada nas lojas, nos capítulos, nos colégios e na vida diária.

Martinista é o íntimo do Filósofo Desconhecido, Louis-Claude de Saint-Martin que, por ter pertencido ele próprio a esta dupla escola, transmitiu por seu turno a doutrina da reintegração, preferindo sempre, para praticá-la, o trabalho interior.

Martinista é aquele que, sob a influência de Louis-Claude de Saint-Martin, tomou consciência de sua condição de batizado e procura, pela meditação, pela oração e pela prática da senda interior, a atualizar os efeitos sobre si mesmo e sobre seu meio, no silêncio e na humildade, fora de todo dogmatismo, no ecumenismo total.

Martinista são, particularmente, os membros da Ordem Martinista que se associam em vista de favorecer o progresso iniciático de todos os membros, sob a inspiração de Martinez de Pasqually e de Louis-Claude de Saint-Martin.

Desejo que todos os irmãos possam tirar bom proveito dessas instruções, adaptando-as à sua vida interior e ao nosso tempo...



SUMÁRIO DAS INSTRUÇÕES

Introdução .... pag. 03.

Instrução 01: Da Emanação, Da Criação e dos Números ....pag. 05.

Instrução 02: Da Extração das Essências e da Matéria na Indiferença .... pag. 10.

Instrução 03: Da Modificação das Essências e das Diversas Propriedades do Triângulo...pag. 13.

Instrução 04: Da Explosão das Formas e da Necessidade do Quaternário .... pag. 16.

Instrução 05: Das Diferentes Produções da Natureza e das Diferentes Formas deste Universo .... pag. 20.

Instrução 06: Da Emanação do Homem .... pag. 22.

Instrução 07: Da Prevaricação do Homem .... pag. 26.

Instrução 08: Do Corpo do Homem e de seu Pensamento .... pag. 29.

Instrução 09: Da Reintegração das Formas .... pag. 32.

Instrução 10: Desejo, Paciência e Perseverança .... pag. 35.

Nota do Editor Robert Amadou .... pag. 38.

PRIMEIRA INSTRUÇÃO

DA EMANAÇÃO, DA CRIAÇÃO E DOS NÚMEROS

Alegria, paz, saúde àquele que me ouve:

Meus irmãos,

Com o auxílio do Eterno, vou procurar vos falar dos princípios que são a base fundamental de nossa Ordem e que, reunidos em um corpo, poderão constituir um curso de física temporal passiva e de física espiritual eterna.

O primeiro princípio da ciência que cultivamos é o desejo. Em nenhuma arte temporal, nenhum operário jamais venceu, sem uma assiduidade, um trabalho e uma continuidade de esforços para chegar a conhecer as diferentes partes da arte que se propõe a abraçar. Seria, portanto, inútil pensar que se pode chegar à sabedoria sem desejo, visto que a base fundamental dessa sabedoria não é senão o desejo de conhecê-la, que faz vencer todos os obstáculos que se apresentam para bloquear a saída, e não deve parecer surpreendente que esse desejo seja necessário, uma vez que é positivamente o pensamento contrário a esse desejo que afasta todos aqueles que procuram entrar para esse conhecimento.

Ora, é necessário, para ali chegar, trilhar o caminho em razão do afastamento de onde nos encontramos. Aquele que crê aí ter chegado está ainda bem longe; e outro crê estar longe mas não tem senão um passo a dar: o que deve fazer ver que o primeiro passo que se deve dar, deve ser na senda da humildade, da paciência e da caridade. As virtudes são tão necessárias em nossa Ordem que não se pode nela fazer nenhum progresso senão quando se avança nessas virtudes.

Mas poder-me-iam, talvez, perguntar que ligação existe entre as virtudes e as ciências? Esta instrução será empregada para demonstrar essa necessidade.

O Ser, existindo necessariamente por si próprio, Eterno criador e conservador de todo ser, emana de sua imensidade Divina, antes do "tempo", seres livres para sua grande glória. Ele lhes deu uma lei, um preceito e um mandamento sobre os quais foi fundamentada sua emanação. Esses espíritos eram livres e não se pode considerá-los de outro modo sem destruir suas personalidades distintas.

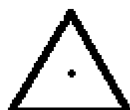
Eles vieram a prevaricar. Qual foi a prevaricação? Sem entrar em todos os detalhes, responderei que o primeiro crime foi a desobediência. Sendo livres, conceberam por sua plena e inteira liberdade um pensamento contrário à lei, ao preceito e ao mandamento do Eterno. Para melhor dar uma idéia dessa desobediência, suponha uma sentinela que se coloque de guarda, a quem se diz de observar os diferentes pontos de sua caserna: esse sentinela é livre e não tem necessidade para que ninguém venha lhe forçar a ficar ou a sair. Por sua própria vontade, ela deixa seu posto e desampara todos os pontos de sua caserna, mas a sentinela é tomada e lhe quebram a cabeça. Heis uma idéia da prevaricação dos primeiros espíritos. A prevaricação foi ter desobedecido à lei, ao preceito e mandamento que lhes haviam sido dados desde a emanação, e de ter concebido um pensamento contrário àquele do Eterno.

Desde então, a comunicação que tinham com o Eterno foi rompida. Deus criara o espaço, no qual os precipitou. Mas de que se serviu Ele para expulsá-los de sua corte Divina? Serviu-se dos espíritos de sua natureza que haviam sido emanados no mesmo instante que os outros, e que também conceberam bem o pensamento maldoso, uma vez que receberam a mancha, mas que fizeram uso diferente de seu livre arbítrio, ficando inviolavelmente presos às leis, preceitos e mandamentos do Eterno. O que prova bem demonstrativamente que os primeiros espíritos conceberam seu

pensamento de prevaricação por sua plena e inteira liberdade, e é a fidelidade desses últimos que, sem ter nem mais nem menos faculdades que esses prevaricadores, fizeram bom uso de seu livre arbítrio, rejeitando o mau pensamento que lhes foi apresentado pelos prevaricadores e serviram-se de instrumentos da justiça que Deus lançou sobre àqueles desde o instante de sua prevaricação. É desse combate que fala a Escritura quando diz que Miguel, e seus anjos combatiam contra os demônios e seus anjos, e que Miguel tendo sido vencedor, os precipitou fora do paraíso Divino no espaço que acabava de ser criado.

Não existia ainda o tempo, que não é senão a sucessão ou a revolução dos diferentes corpos. Não havia ali então matéria sutil ou grosseira, não existia senão espíritos puros e simples: espíritos bons no paraíso Divino e espíritos maus no espaço. Desde então, Deus concebeu em sua imaginação pensante criar este universo com formas materiais e passivo para servir de limites e de barreira às operações maldosas dos demônios. Ele emancipou por essa causa os espíritos ternários do eixo "fogo central", que vieram fechar o círculo do espaço no qual os espíritos perversos estavam encerrados, e concebeu em Sua imaginação pensante Divina a criação do corpo principal do chefe deste universo, tanto espiritual Divino como temporal passivo, da forma triangular eqüilátera. Esse triângulo eqüilátero e considerado entre todos os povos da terra como contendo em si a imagem aparente que o Eterno havia concebido em sua imaginação para a criação do chefe deste universo; esse triângulo, repito, nos é ainda representado nas igrejas com quatro caracteres inefáveis dos quais darei a explicação na seqüência.

Deus manifestou de seu pensamento criativo os espíritos do eixo do fogo central por esse mesmo triângulo eqüilátero, no centro do qual estava contido seu verbo ternário criativo, como faz ver a figura seguinte:



Esses espíritos tendo inato em si, desde seu princípio de emanação, a faculdade de extrair de seu seio as três essências espirituais que ali estavam. Saíram, então, deles mesmos essas três essências para operar esse verbo do Eterno. Perguntar-se-á o que era esse verbo? Direi que esse verbo continha em si o plano, a execução e a operação deste universo. Em conseqüência, esses espíritos do eixo começaram a executá-lo, tirando de seu seio essas três essências que ali estavam. Essas três essências eram, em seu princípio, a matéria em sua indiferença, porque não tinham ainda sido trabalhadas por esses mesmos espíritos, mas eram distintas. Elas estavam, pois, segundo a linguagem da Escritura, sem forma, ou em sua indiferença, e vazias porque a vida passiva não havia podido ser inserida nas formas, visto que ela ainda não existia. Esse vazio deve ser compreendido como a privação do princípio de movimento necessário a todos os corpos deste universo.

Antes de ir adiante, devo falar do princípio fundamental de toda emanação e de toda criação, que é o número. Os sábios de todos os tempos reconheceram que não poderia haver nenhum conhecimento seguro, seja da parte espiritual Divina, seja da parte universal geral terrestre, seja das particulares, sem a ciência dos números, uma vez que é por esses números que o Eterno fez todos os seus planos de emanação e de criação. O número, sendo co-eterno à Divindade, já que, por toda a eternidade, Deus é, o número, tem pois estado em toda a eternidade nele, visto que Deus tem seu número. Porque, se Deus havia podido criar o número, pareceria que ele havia podido criar a si mesmo, o que é impossível, porque nada subsiste sem o número. Ora, Deus sendo o Ser necessário, existindo por si mesmo, conteve, pois, toda a eternidade, todo número. Ele dotou todos os espíritos segundo sua infinita sabedoria e ação eterna. Nenhuma de suas obras saiu de suas mãos sem ser marcada com esse selo: tanto os espíritos emanados como a criação deste universo, tudo tem seu número. Ora, segue-se demonstrativamente que o conhecimento de todas as obras de Deus está oculto no

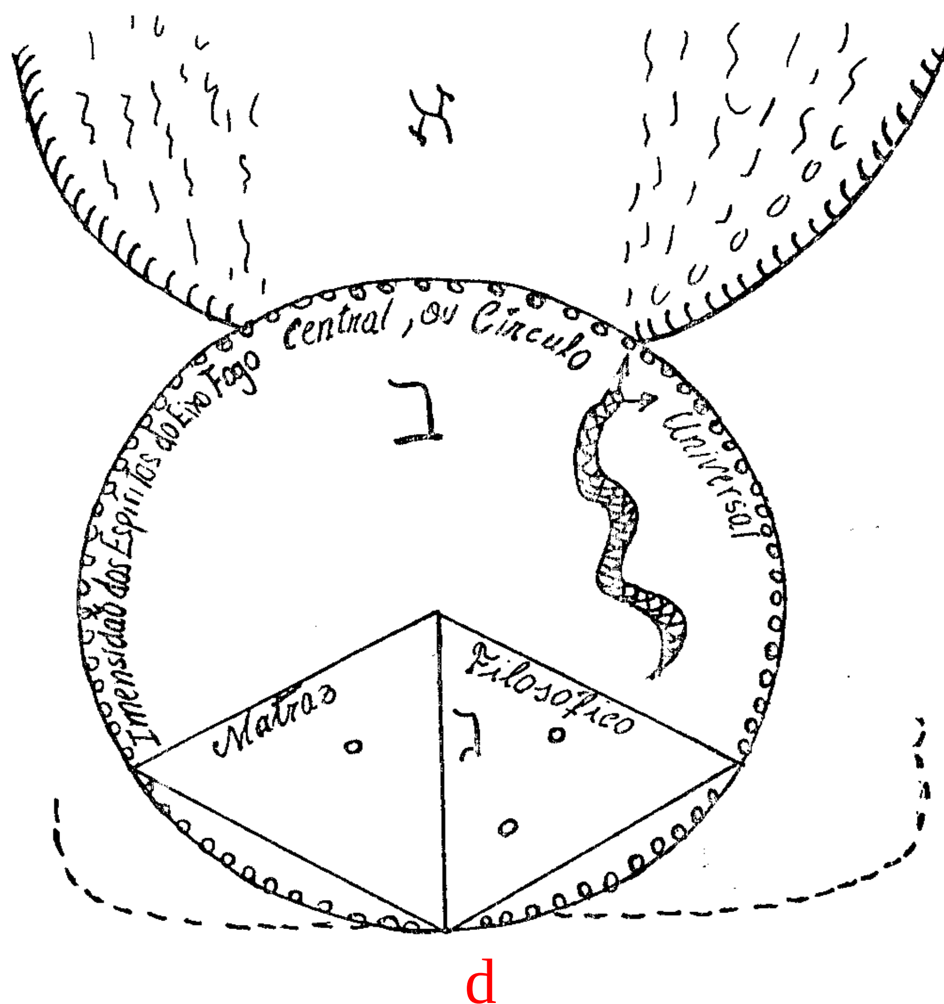
conhecimento dos números. Aí está, pois, meus irmãos, onde devemos procurar admirar as obras do Eterno, não no sentido de nossa forma aparente passiva, mas no sentido de nosso entendimento espiritual Divino e eterno.

Por toda a eternidade, Deus foi um, ou **I** . Essa unidade nos faz ver a Divindade, uma vez que ela é o princípio de toda a criação; e o círculo que o fecha, contendo em si a unidade, contém tudo o que dele precedeu. Os primeiros espíritos emanados tinham, pois, seu número, os superiores **10**, os maiores **8**, os inferiores **7** e os menores **4**. Seu número, antes de sua prevaricação, era mais forte do que aqueles que damos vulgarmente aos querubins, serafins e arcanjos, que não haviam ainda sido emanados.

Deter-me-ei um pouco a considerar o estado do universo dos espíritos antes de sua prevaricação. Toda a corte da Divindade gozava da mais perfeita paz, nenhuma suspeita de mal existia uma vez que a possibilidade do mal jamais existiu na Divindade: todo ser saiu puro, santo e sem mancha de Seu seio. De onde, pois, veio o mal? O mal não tomou seu princípio senão no pensamento que o chefe demoníaco, que estava livre, concebia dele mesmo, oposto à lei, ao preceito e ao mandamento do Eterno; não que o demônio seja o próprio mal, visto que, se ele mudar desde hoje seu pensamento mau, sua ação mudará também e desde esse instante, não existirá mais o mal em toda a extensão do universo. O mal, repito, não teve seu nascimento senão no pensamento do demônio oposto àquele da Divindade, pensamento que ele concebeu de seu puro livre-arbítrio e pelo qual separou-se da Divindade; o que originou o binário, número da confusão, como tendo desejado existir independentemente da Divindade ou Criador todo-poderoso.

Deus manifestou sua justiça contra esse espírito perverso, precipitando-o com seus aderentes da corte Divina no círculo do universo; o espaço tendo sido primeiramente criado após sua prevaricação, e tendo sido fechado pelos espíritos do eixo do fogo central, que foram emancipados ao mesmo tempo. É o que quer dizer o salmo: "*Non accedet ad te malum"* o mal não se aproximará de ti", pela barreira que formam esses espíritos do eixo nas operações maldosas dos demônios. Uma vez que os espíritos do eixo do fogo central receberam o verbo do Eterno, saíram de seu seio as três essências espirituais que ali estavam inatas desde a sua emancipação, e eles modificaram essa matéria em sua indiferença, distinguindo essas essências de maneira que pudessem reter a impressão. Esse trabalho dos espíritos do eixo forma uma distinção das três essências que, em seu lugar nas essências, tudo teve forma, e os diferentes corpos foram criados; e desde que os corpos tiveram forma, os espíritos do eixo inseriram em cada um deles um veículo de seu fogo espiritual, que é o princípio da vida de todos os corpos.

Perguntar-me-ão, talvez, onde residiam todas essas matérias antes do ordenamento que se denomina vulgarmente o caos, e que denominamos a matéria. Responderei que essa matéria sem forma e vazia em sua indiferença, residia no matraz filosófico, assim como a figura seguinte o designa:



d

O trabalho de todos os diferentes espíritos do eixo do fogo central foi conduzido pela sabedoria do Eterno que a Escritura santa nos representa movendo-se sobre as águas. Ora, nada nos representa melhor a matéria em sua indiferença que uma água sem curso e sem movimento. Era sobre esse princípio das essências que o espírito duplamente forte do Eterno conduzia, dirigia e fixava os limites a todos os diferentes seres deste universo, e conduzia toda espécie de operação de trabalho dos espíritos, fatores operantes ou fabricantes do eixo do fogo central, ou fogo incriado. É essa sabedoria que caminhava diante do Eterno e que aplaudia por santos transportes cada pensamento Divino que o Eterno manifestava pela criação deste universo dizendo:

"*Estou em ti e em tuas obras, Criador todo-poderoso, como tu estás em mim e nas minhas obras. Aquele que virá após instruirá tua criatura do culto do qual deves ser servido.*" O trabalho dos diferentes espíritos do eixo se opera ainda sobre esta superfície e se operará até o fim dos séculos, tal como operaram no princípio para a criação de todos os corpos deste universo; o que farei ver claramente na seqüência destas instruções.

No momento, contentar-me-ei em dar a explicação da figura **a** representando a Divindade. Essa letra hebraica representa um nome inefável da Divindade. É o motivo pelo qual os Judeus jamais pronunciaram, por respeito, esse nome, essa letra; aleph, pronúncia que lhe deram, não sendo a verdadeira. **b**, beth, segunda característica, representa a ação direta da Divindade; **g**, guimel, representa o Espírito Santo conduzindo a operação dos espíritos do eixo; **d**, daleth, representa o verbo ternário do Eterno, pelo qual ele manifesta aos espíritos do eixo seu imenso pensamento pela criação deste universo.

Os três glóbulos que estão no matraz filosófico representam o princípio das essências, ou a matéria em sua indiferença. Ainda que se considere o Mercúrio como sendo o princípio das três essências,

não se deve dar a ele, no entanto, uma unidade absoluta, uma vez que não pertencia à Divindade, ou aos espíritos superiores **10**, e a nenhuma essência. Assim, essa unidade que se dá a Mercúrio é ternária, e representa as três essências em sua indiferença, em aspecto umas com as outras, sem movimento, sem formas; porque elas não haviam sido trabalhadas, modificadas e operadas pela imensidade dos espíritos agentes, fatores ou operantes do eixo do fogo central. Denominamo-os eixo do fogo central porque eles são aderentes à corte da Divindade e eternos.

Poder-me-iam, talvez, perguntar porque Deus, tendo previsto o pensamento maldoso dos demônios não os conteve nos limites que lhes estavam prescritos? Responderei a essa objeção dizendo que Deus é imutável em seus decretos, seja a respeito do que aprova ou condena sua criatura e que ele não toma nenhuma parte nas causas segundas, tendo fundamentado todo ser sobre leis invariáveis, e a primeira dessas leis é a liberdade. Ora, Deus não pode destruir, em qualquer espírito que seja, seu pensamento sem destruir sua liberdade; se ele destruísse sua liberdade, destruiria a lei que deu a esse espírito desde sua emanação. Ora, a imutabilidade de Deus sendo irrevogável, ele não pode ter de maneira alguma conhecimento do uso que fará de seu livre-arbítrio todo ser livre. Porque, se a Divindade tivesse tido conhecimento pareceria que ela teria permitido o mal, o que é impossível. Deus, sendo necessariamente bom, não pode emanar senão seres como ele, mas distintos em sua personalidade e livres.

Ora, Deus não teria podido destruir, mesmo quando tivesse tido conhecimento desse pensamento nesses espíritos, sem destruir os atributos e a manifestação de sua glória e de sua justiça: de sua glória para com os espíritos fiéis, e de sua justiça para com os espíritos perversos. Estejamos, pois, bem convencidos, meus irmãos, de que o Eterno não previu jamais o que não existia efetivamente no pensamento de um ser livre. Porque, se ele pudesse prever o uso de seu livre arbítrio, esse espírito, desde esse instante, cessaria de ser livre. Mas o que a Divindade concebe perfeitamente, é o uso que faz qualquer espírito de seu livre arbítrio. Desde o instante em que esse espírito concebe seu pensamento, seja bom, seja ruim, ele é lido e julgado pela Divindade. O que lhe dá o nome de Deus vingador e remunerador: vingador do ultraje feito à sua lei, e remunerador do bom uso dessa lei para sua maior glória.

Vejamos, portanto, bem, meus irmãos, que o princípio ou a origem do mal veio do orgulho. Ora, por uma seqüência necessária, o princípio de todo o bem deve ser a humildade, a paciência e a caridade: a paciência pela necessidade de suportar as fadigas de uma penosa viagem, e a caridade pela necessidade absoluta de suportarmos os erros de nossos semelhantes e de procurarmos corrigi-los tornando-os bons. Essa virtude é tão necessária que uma companhia de perversos não subsistiria vinte e quatro horas se estivesse inteiramente privada dessa virtude. Essa virtude em sua perfeição faz a reunião de todas as outras, visto que é a que mais se aproxima da Divindade. É, pois, meus irmãos, pela prática constante dessas virtudes que nossa união será durável, e que engendrará inúmeros frutos de inteligência, de conhecimento e de sapiência. Estabelecendo uma correspondência mais estreita entre os irmãos uns com os outros, ela tornará comuns os conhecimentos particulares de cada um, e produzirá assim a unidade, que é a base da Ordem.

Felicito-me, meus irmãos, pelo Eterno ter-me dado a graça de vos falar. Estejais bem seguro de meu zelo, de minha afeição e de meu desejo sincero para o bem geral deste oriente.

A graça que vos peço é de aqui colocar cada um o mesmo zelo, e Deus secundará nossos propósitos.

SEGUNDA INSTRUÇÃO

DA EXTRAÇÃO, DAS ESSÊNCIAS E DA MATÉRIA NA INDIFERENÇA

Meus irmãos,

Vimos no discurso precedente o motivo da criação deste universo, ou do tempo, que não deve se compreender senão na duração sucessiva dos diferentes corpos que o compõe, que por seu curso de correspondência formam intervalos iguais cuja medida é o que se denomina vulgarmente o tempo. (Mostrarei, a continuação, como a alma está sujeita ao tempo enquanto está em sua prisão, ou no corpo do homem). Porque não é necessário pensar que a Divindade possa ser encerrada por algum limite: sua imensidade sendo infinita, nenhuma criação pode contê-la; nem restringi-la. É, ao contrário, a Divindade que contém toda espécie de emanação concernente ao espírito, à criação e ao que diz respeito às formas aparentes. Isso é tão verdadeiro que um espírito puro e simples não poderia estar sujeito ao tempo, uma vez que estando sem corpo de matéria, nenhum corpo dessa matéria aparente pode lhe servir de limite, pois sua lei sendo superior à das formas, ele penetra através de todas as diferentes leis que formam a aparência das formas e ele as comanda e dirige segundo a vontade do Eterno. Heis porque nenhuma parte da criação pode ter sua existência senão pela operação desses mesmos espíritos; o que explicarei ainda melhor na seqüência deste trabalho, quando falarei dos corpos planetários. Continuemos a criação.

A matéria em sua indiferença residia no matraz filosófico, assim como explica a figura precedente. O Nada não possuía forma. As essências espirituais, sendo um aspecto umas das outras sem movimento, estavam nesse estado que se denomina vulgarmente Caos. O que rompeu esse estado de indiferença e deu princípio à formação dos diferentes corpos? Foi a operação dos espíritos do eixo do fogo central, ou fogo incriado, que haviam emanado de seu seio essas mesmas essências. Qual foi sua operação? Sua operação foi modificar as essências, de maneira a reter a impressão e de formar distinção entre às essências. É essa distinção que dá princípio às formas, adaptando as diferentes divisões e subdivisões do número ternário nas modificações que os espíritos do eixo haviam feito nas essências, isto é, que sua operação tornou a essência de mercúrio mais sólida que as do enxofre e do sal, a do enxofre mais móvel que as do mercúrio e do sal, e a do sal mais fluida que as do mercúrio e do enxofre.

Essa primeira distinção dá primeiramente nascimento ao número senário, uma vez que no primeiro princípio da matéria em sua indiferença, o misto ternário residindo em sua indiferença no matraz filosófico não formava nenhum corpo aparente, nem suscetível de reter nenhuma impressão. Foram, pois os espíritos do eixo do fogo central aqueles que, conforme o pensamento do Eterno, que lhes havia sido anunciado por seu verbo ternário, engendraram por sua operação o número senário, dando a distinção às essências: mercúrio, 1; enxofre, sendo a segunda distinção, 2; o sal, sendo a terceira, 3. Ora, adicionando misteriosamente 1 e 2 fazem 3, e 3 mais 3 fazem 6. Heis, pois, a manifestação dos seis pensamentos do Eterno; e não dos seis dias que a Escritura atribui emblematicamente ao Eterno, uma vez que, como já disse acima, o Eterno sendo infinito em sua imensidade não pode ter nenhum limite de duração sucessiva, que não é senão a mudança de sucessão ou de relação, dos corpos uns com os outros. Mas o Eterno manifesta pensamentos como os diferentes espíritos executam segundo o plano que lhes é dado. Vemos, pois, que do número ternário veio o senário, uma vez que o verbo ternário do Eterno, estando toda eternidade nele, não pode ter princípio, visto que emanou do Eterno, mas o número senário foi engendrado pela operação dos espíritos do eixo; assim, provo por demonstração a necessidade do fim deste universo uma vez que ele não existe em princípio senão pela operação dos espíritos do eixo, e que a operação de qualquer espírito qualquer sendo finita, não pode durar senão todo o tempo que o Ser infinito o comanda; o que faz cair por terra a objeção da eternidade da matéria, visto que é impossível que tudo o que teve um princípio possa durar sempre, diante de toda necessidade ter fim.

Vemos, pois, o nascimento do número senário quanto às formas. É necessário não confundir os números com os corpos. O número, como já disse anteriormente, é co-eterno, pois, de toda eternidade, o número tem estado em Deus. Mas os corpos não sendo puramente senão aparentes, e não subsistindo senão pela operação dos espíritos, não podem se considerar senão como passivos. Desde que a operação dos diferentes espíritos será infinita, eles cessarão, e não será mais discutido sobre este universo como era antes de sua formação. Denomino a divisão das essências - mercúrio, 1, enxofre, 2 e sal 3 - o nascimento do número senário, uma vez que a operação dos espíritos do eixo que lhe deu nascimento. O princípio de todos os corpos foi, pois, o número ternário; a formação desses mesmos corpos o número senário, que realizou os seis pensamentos que Deus havia tido para a criação deste universo, manifestados aos espíritos agentes, fatores ou fabricantes do eixo do fogo central. A partir do momento em que o número senário teve sua realização, as formas tiveram seu nascimento; e para melhor prová-lo, não se tem senão que observar o que segue sobre os três números 3, 6 e 9. O número é a subdivisão das essências em todos os corpos. O princípio de mercúrio é um misto ternário que contém nele enxofre e sal, 3; o enxofre contém sal e mercúrio, 3; o sal contém mercúrio e enxofre, 3. A subdivisão dá, pois, 9; porque a unidade propriamente dita não poderia pertencer aos corpos, ela não pertence senão à Divindade. A unidade atribuída na divisão simples à mercúrio não é considerada senão relativamente ao misto de mercúrio, que é a base das duas outras. O número 9 é, pois, a subdivisão das três essências, ou dos diferentes corpos, assim como segue: 3 à mercúrio, 3 ao enxofre e 3 ao sal fazem 9. Assim, 3 para as essências consideradas em sua particularidade, 6 para a divisão e 9 para a subdivisão; 3, 6. 9/18/9. Heis a origem da matéria.

Resta-nos falar do triângulo, o que faremos na seqüência. No momento, contentar-me

1

hei em considerá-lo por seu número 1 Δ 1: 1 a oeste, 1 ao sul e 1 ao norte dão o número 3, ou ternário, de modo que, acrescentando-o ao produto acima, temos: 3, 6/18/9, 3/12/3. Obtém-se o produto de 3, que nos faz ver claramente que o complemento da operação dos espíritos do eixo nos dá o número ternário após ter passado pela divisão e subdivisão, sempre para realizar a lei que o Eterno havia manifestado aos espíritos do eixo. O verbo do Eterno era ternário, e a operação dos espíritos do eixo também o era. Adicionemos o verbo 3 à operação dos espíritos do eixo, teremos o número 6. Ora, verbo ternário tendo vindo de Deus, deve retornar a ele, mas o produto ternário dos espíritos tendo vindo de Deus, deve retornar a ele, mas o produto ternário dos espíritos do eixo tendo tido início é passivo, ou deve terminar. Não havia ali senão o pensamento do Eterno, que forma a lei do universo, e que sustenta toda a criação. As leis de aparência dos diferentes corpos não podem durar uma vez que esta lei subsistirá, pois é ela quem sustenta essa mesma operação. O Homem de desejo que segue as leis do Eterno não poderia mais conhecer privação, visto que, unindo-se intimamente à lei eterna, a lei passiva das formas não poderia ser um limite para ele.

Vede, pois meus irmãos, um princípio da necessidade que temos todos de seguir essas santas leis, pois à medida que nos aproximamos do Eterno, a Luz se aproxima de nós. Se nós nos separamos dele, as trevas se apoderam de nós. Darei a explicação seguinte às diferentes dimensões do triângulo; no momento, continuarei ainda sobre a criação dos diferentes corpos.

Perguntar-me-ão, talvez, como os espíritos do eixo puderam emanar de seu seio as 3 essências, e como puderam através delas formar todos os corpos deste universo sem nenhuma matéria? Responderei que, desde o princípio de sua emanação, esses seres tinham inatos em seu seio essas três essências, que não devem ser consideradas senão como um produto de sua operação. É, pois, dessa operação única, segundo o pensamento do Eterno, que todas as formas tiveram lugar. Ora, direi que a prova física que esta operação dos diferentes espíritos é a única coisa que dá existência às formas, é que os espíritos que comandam os diferentes corpos deste universo não poderiam ser

limitados por esses mesmos corpos, assim como se pode observar que existem homens que vêem no corpo de um homem a circulação do sangue, outros no corpo geral da terra a circulação das águas, outros que vêem, em um altar, ou em uma distância prodigiosa, corpos que os outros homens não poderiam perceber. As virtudes particulares a esses homens nos fazem ver bem que as leis da privação não são as mesmas entre todos os homens, uma vez que a maior parte dos outros homens estão privados de ver as coisas do qual acabo de falar. Se a matéria fosse real, todos os homens veriam da mesma maneira, não haveria para eles todos senão a mesma lei, assim como se pode se convencer pelo pensamento, que é o mesmo entre todos os homens nos objetos eternos como ele, tais como os números. O triângulo Δ , apresentado a todos os homens do universo, dá o pensamento distinto do número ternário, uma vez que um ângulo não é o outro, ainda que as propriedades dessa figura sejam imensas. Mas, no momento em que cada homem o considera, o pensamento que daí resulta pelos números é o mesmo. A superioridade dos homens vem pois, mais ou menos da pureza que lhes faz observar um maior número de propriedades. Ora, a particularidade distinta de cada homem no que se relaciona aos espíritos vem do pensamento, que é mais ou menos variado em suas propriedades sempre relativas à operação desses mesmos espíritos. A matéria não é, pois, senão aparente, e não subsiste senão pelo trabalho que os diferentes espíritos fazem para nós fazê-la parecer tal como é; não há nenhum dos espíritos que a operando não seja infinitamente superior a ela, uma vez que sua operação sendo finita, e sendo todos eternos, comandam a todos seus trabalhos, que não subsistem senão pela lei do Eterno e que não terão fim senão quando essa lei for realizada. É pois, meus irmãos, do número ternário que toda produção de forma se fez, assim como segue: 1 à Divindade, 2 ao demônio, e 3 às formas que vieram para conter esses mesmos demônios.

Os espíritos do eixo do fogo central tiveram toda espécie de faculdades para a produção, a conservação e a reintegração dos diferentes corpos. Não é surpreendente que sua operação tenha produzido este universo, que foi criado para conter os primeiros espíritos perversos, e para servir de barreira a suas operações más, que não prevalecerão jamais contra as leis inalteráveis que o Eterno destinou a cada parte deste universo. O número ternário, como vimos, é a operação que os diferentes espíritos realizaram para conter a confusão. Igualmente, todos os esforços desses espíritos jamais destruirão algum gênero ou alguma espécie dos corpos que compõe essa criação, nem irão alterar em nada sua durabilidade, uma vez que os sustentáculos desses mesmos corpos são espíritos superiores a todos seus antagonistas e tendo Deus em sua mente, enquanto os espíritos maus são continuamente limitados em seus trabalhos de destruição, porque a destruição não podendo ter senão uma força limitada pela desunião que daí resulta, se encontra forçada a ceder à união indissolúvel das partes constitutivas do todo, operantes pelo apoio da Natureza, como se pode comprovar lançando uma olhada sobre as reproduções da vegetação. Se o semeador que semeia um campo semeasse trigo ou outro grão, e a metade da produção da vegetação de sua semeadura fosse boa e a outra estragada, não se poderia jamais tirar trigo da terra, visto que a podridão sendo igual à boa vegetação produziria uma mistura desigual que não daria jamais farinha. Ora, está demonstrado que se retira das diferentes sementes que semeamos sobre o corpo geral, ou a terra, mais bons grãos do que grãos ruins, pois todos os seres de forma aparente que estão sobre a superfície da terra deles se alimentam. Essa indução pode nos levar a observar que o mesmo acontece para todos os diferentes corpos que são sem cessar atacados e que subsistem a todas as doenças. Entretanto, após o início deste universo, nenhum gênero dos diferentes corpos foi destruído. O que deve nos convencer da superioridade da operação dos espíritos operando para o bem sobre àqueles que operam para o mal: uma é benigna e pura, santa e durável; e a outra é impura e passiva, pois desde que o universo tiver feito sua reintegração, a operação dos maus espíritos contra ele terminará, ou, ainda, que aquela de todos os espíritos contra ele terminará, ou, ainda, que aquela de todos os espíritos bons que contribuíram com sua produção, sua manutenção e sua reintegração, começará um novo gênero de ações seguindo as leis santíssimas que agradará ao Eterno traçá-las. Heis, meus irmãos, pelo número ternário.

No discurso seguinte falaremos das diferentes propriedades do triângulo e da emanação do homem.

Convido a todos a uma união eterna e indissolúvel que nada possa alterar. Vossa constância em vos unir será o selo de vossa felicidade. Uni-vos a mim para rogar ao Eterno que nos dê a todos a graça de caminhar cada vez mais na Luz. A Ordem que abraçastes é a depositária da Luz que deve vos conduzir. Vossa exatidão, vosso zelo e vossa perseverança em segui-lo serão amplamente recompensados, e, enquanto tudo conspira para afastar o homem de seu princípio, sereis o depositário do rumo que deve ali conduzir o homem para não mais dele se afastar. Que a caridade esteja eternamente em todos nós.

Amém!

TERCEIRA INSTRUÇÃO

DA MODIFICAÇÃO DAS ESSÊNCIAS E DAS DIVERSAS PROPRIEDADES DO TRIÂNGULO

Meus Irmãos,

Vimos pelos discursos precedentes a matéria em sua indiferença residente no matraz filosófico; seguiremos agora os diferentes trabalhos dos espíritos do eixo do fogo central que darão forma a essa quantidade informe de essências espirituais.

O Eterno tendo concebido criar este universo para ser o asilo dos primeiros espíritos perversos e para conter a sua operação ruim que não prevalecerá jamais contra suas santas leis, apareceu-lhes, em sua imaginação pensante Divina, a forma do triângulo eqüilátero, para ser a do regente deste universo, ou do homem, e do corpo geral, ou da terra, e por ser a da operação de todos os corpos imensos deste universo. Ora, como nenhum pensamento pode ficar no Eterno sem ação, ele lançou fora de seu seio seu verbo de criação que estava no centro do triângulo eqüilátero, e o fez descer entre os espíritos do eixo do fogo central para que eles o executassem conforme seu conteúdo. A seqüência deste discurso fará ver que o triângulo eqüilátero contém não somente todos os números de forma deste universo, mas ainda todos os números co-eternos.

Essa figura, famosa entre os antigos e considerada com muita veneração, nos anuncia bem que ela encerra grandes coisas. Com efeito, é pelo triângulo que nós elevamos a todos os conhecimentos, seja espirituais Divinos, seja espirituais temporais. O triângulo eqüilátero continha, em seu verbo ternário, a lei, o plano e a operação de todos os corpos deste universo. Isto foi aos espíritos do eixo do fogo central o que representa o plano de um soberbo palácio aos maçons que o executam: tendo inatos neles os materiais convenientes a essa execução, não é surpreendente que eles o tenham executado com muita regularidade, ordem e proporção, pois a própria sabedoria do Pai dirigia a execução desse plano e presidia os diferentes trabalhos necessários e fixava em todo ser o limite que deveria ter. O aspecto da figura do triângulo inscrito no círculo nos dá claramente a idéia de um número ternário por seus três ângulos: damos a oeste ao ângulo saliente inferior, o sul ao segundo e o norte ao terceiro. Esses três ângulos nos dão a idéia da divisão que os espíritos do eixo deram à matéria da universalidade das formas, modificando as essências segundo a forma triangular, isto é, dando a parte sólida ao oeste, que denominamos mercúrio, a parte fogosa ao sul dado ao enxofre, e a parte salina ao norte dada ao sal, ou a parte aquática. É positivamente essa distinção que dá forma a todo universo. Mas, para melhor fazer sentir, darei uma imagem palpável na formação de uma criança no seio de sua mãe.

Se observamos o seminal reprodutivo, não somente do corpo do homem, mas da maior parte dos animais, ele nos representa a matéria em sua indiferença. Não se dirá que ele dá os indícios de um misto modificado, visto que não tem positivamente forma; do mesmo modo foi a primeira essência

que os espíritos do eixo central extraíram de seu seio. Esse seminal inserido na matriz, que serve de forno para o cozimento do embrião, é primeiramente trabalhado pelos espíritos do eixo e os espíritos elementares, que modificam o mercúrio e formam uma distinção. A partir do momento em que a distinção está formada, o embrião tomou forma, isto é, desde que a essência de mercúrio, que constitui a parte óssea, ficou distinta da parte sulfurosa que forma o sangue, e da parte salina que forma a carne. Desde então, o embrião tomou corpo, o que acontece no término de quarenta dias. Como todos os sábios do universo sabem fisicamente que o ser espiritual Divino desce no corpo da criança residindo no centro da matriz e nadando no fluído, coberto por um véu ou envelope, não duvidemos, meus irmãos, que esse trabalho que se faz para a formação da criança não seja realmente o mesmo que se faz para a criação deste universo. Os espíritos do eixo possuíam desde sua emanação uma essência espiritual que podemos considerar como seminal produtivo das formas. Do mesmo modo que esse seminal é operado da matriz, igualmente eles o operam no matraz filosófico, que se pode ainda considerar como a matriz do universo.

Mas qual foi o plano que seguiram os espíritos do eixo? Esse foi, como já disse, o triângulo eqüilátero (veja a figura). Damos 1 a mercúrio no oeste, formando o sólido; 2, ao enxofre no sul, formando o fogoso; e 3, ao sal, no norte, ou fluído. A unidade é ainda dada a mercúrio, como tendo sido o primeiro misto; 2 ao enxofre como tendo sido o segundo; e 3 ao sal, como tendo sido o terceiro, o que nos dá claramente o número da fatura, 6, como diz a Escritura emblematicamente que Deus emprega 6 dias para a formação do universo. Ora, sabemos que Deus é um ser infinito, todo-poderoso e sem limites. O que é sem limites não pode estar sujeito ao tempo. Assim, os seis dias significam que Deus empregou seis pensamentos para a formação deste universo, e a prova disso é palpável, porque todos os corpos trazem consigo a imagem.

Qual é agora o plano que esses mesmos espíritos seguem para a formação do corpo da criança? A imagem deste universo, que não é outra coisa senão a repetição daquela do triângulo. O corpo do homem tem uma figura triangular eqüilátera perfeita e contém resumidamente tudo o que o universo contém em sua imensidão, o que fez com que os sábios denominassem o corpo do homem o microcosmo, ou o pequeno mundo. Vemos, pois, uma semelhança perfeita da operação dos espíritos do eixo para a formação do universo, com aquelas que fazem ainda todos os dias para a formação do corpo de uma criança. Em uma, eles seguiram o plano que o Eterno lhes enviou, que é o triângulo eqüilátero no centro do qual estava o verbo ternário da criação. Os mesmos espíritos empregam, na outra, para a formação do corpo da criança, o plano de todo este universo: o que farei ver em detalhe na seqüência, demonstrando, na enumeração de todas as partes do corpo do homem sua similitude com aquelas do grande mundo ou o universo, que distinguiremos em três partes, a saber o universal, que é dado no círculo do eixo do fogo central, o geral dado à terra, e o particular dado a todos os seres espirituais Divinos e animais espirituais deste universo.

Os diferentes espíritos do eixo executaram, pois, o plano que o Eterno lhes havia manifestado por seu verbo de criação no centro do triângulo eqüilátero. No primeiro princípio, o misto de mercúrio em sua indiferença era ternário, visto que a unidade propriamente dita é puramente espiritual e não poderia pertencer às formas; mas se considera as essências no matraz filosófico como sendo sem movimento, em aspecto umas das outras. O trabalho que fizeram os espíritos foi de distingui-los; de onde vemos nascer os diferentes números de criação, saber 3 a essas três essências, 6 a subdivisão simples, como o dissemos acima, e 9 à subdivisão, porque essas três essências sendo mistas, contém, ainda que distintas, cada uma, uma parte umas das outras. Adicionai os três números: 3, 6, 9/18/9. Dão 18 que adicionado a ele mesmo, dá 9. Adicionai ainda a esse 9 os três ângulos do triângulo eqüilátero: 9 e 3 fazem 12/3. Vemos, pois, que o plano que apareceu na imaginação do Eterno era ternário, visto que era um triângulo eqüilátero. Assim, os espíritos do eixo operaram na criação deste universo o número ternário, pois todos os corpos deste universo, tanto celestes como terrestres, contêm esse número, após as quatro operações de produção, divisão, subdivisão e de figura: o que se pode observar em toda a natureza, uma vez que não se vê senão da terra dada ao

sólido mercúrio do fogo dado ao enxofre, e da água dada ao sal. É necessário evitar fazer quatro princípios, como os homens de trevas deste século, que distinguem a parte aérea. Não há aqui positivamente senão três princípios. O ar não é senão uma água rarefeita e, se quisessem dividi-la, encontrar-se-ia ainda o número ternário: a água, o ar e o éter que qualificamos cristalino e que a Escritura Santa denomina as águas superiores. Toda a diferença que existe entre essas águas com aquelas que rodeiam o corpo geral, ou a terra, é que quanto mais elas descem, mais elas têm peso, o que se pode verificar pela diferença do ar de uma parte baixa com o que se respira sobre uma parte elevada; um é espesso e o outro é rarefeito, e o é em razão da elevação. Todas as formas tomaram seus princípios dessas três essências e é por elas que são alimentadas durante sua fase de produção, de vegetação e de reintegração, o que forma a duração sucessiva dos diferentes corpos deste universo, que não podem durar, em razão da vida, da forma e da figura na medida em que são alimentados pelo misto de sua natureza.

De onde demonstro fisicamente que nenhum ser espiritual Divino pode ter a vida espiritual Divina sem estar unido ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, porque os corpos mais brutos deste universo, como os mais ornados e os mais perfeitos, foram criados por ordem do Eterno para ver uma imagem palpável do que se passa na parte espiritual Divina.

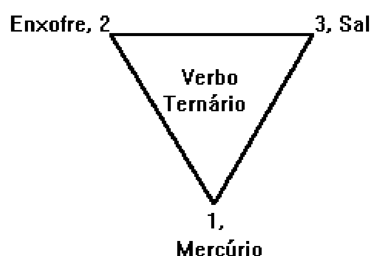
Vemos, pois, a similitude que há em razão da semelhança do ser espiritual Divino: um é eterno e outro é passivo. Entretanto, como o passivo foi criado para servir de prisão ao ser menor eterno, ele contém não somente em si sua existência particular, mas serve ainda de livro de lei a esse ser espiritual Divino. Heis as tábuas famosas que Moisés portava em suas mãos, descendo da montanha! Uma, na mão direita, figurava a lei que o Eterno animou no ser menor espiritual Divino, e aquela da mão esquerda figurava a lei que ele animou na forma, para constitui-la em força durante o tempo de seu curso temporal.

Do que se trata, pois, meus irmãos? Trata-se de fazer descobertas imensas e de passar sua vida na meditação? Absolutamente não. Trata-se de seguir, cada um de nós, essa lei inefável que Deus gravou em cada um de nós e que fala sem cessar a nós mesmos. É escutando a voz daquele que nos a apresenta sem cessar, que chegaremos a descobrir as coisas que nos foram ocultas pelo véu que deixamos colocar sobre as tábuas da Lei, de forma que Israel força Moisés a colocar um véu sobre sua cabeça ao lhe ler a Lei, porque suas almas não estavam suficientemente puras para suportar o aspecto de fogo que saíam da cabeça de Moisés. Ora, todos os homens têm esse véu enquanto fazem o mal e o rasgam ao fazer o bem. Aquele que o tem nas mãos é o ser mais perfeito. É, pois, em direção dessa luz Divina que devem se dirigir todas as nossas pesquisas na medida em que aquele que trabalha para aí chegar, emprega sua vontade.

Todas essas verdades estão demonstradas a cada dia sob nossos olhos pelos diferentes seres que nos cercam e que não alcançam êxito em nenhum empreendimento de qualquer natureza que seja, senão pela constância que têm a seguir. Ora, essa constância parte de um grande desejo de conhecer a fundo o que se procura. Citarei a esse respeito o exemplo de um homem que caiu em um poço bem profundo, e que se encontra só. É preciso, para que ele saia dali, que dê o impulso necessário. Se, quando está quase no meio começa a se impacientar por não chegar em cima, corre o risco de tornar a cair, e se sua impaciência continua, corre grande risco de perder as forças necessárias para dali sair, mesmo com todos os socorros humanos.

Acabamos de ver como o triângulo contém em si as diferentes dimensões das formas aparentes e que é por ele, segundo a lei do Eterno inserida no centro do dito triângulo, que a imensidade dos espíritos do eixo do fogo central operou todas as formas deste universo. Farei ver no discurso seguinte como se fez a explosão das formas contidas no matraz filosófico. Resta-me recomendar-me a vossas preces e de vos rogar que vossas reuniões adquiram a maior regularidade e que sejam

seguidas sem nenhuma interrupção; o que peço de toda minha alma ao Eterno e que ele esteja sempre com todos nós. Amém. Amém. Amém. Amém.



QUARTA INSTRUÇÃO

DA EXPLOSÃO DAS FORMAS E DA NECESSIDADE DO QUATERNÁRIO

Meus irmãos,

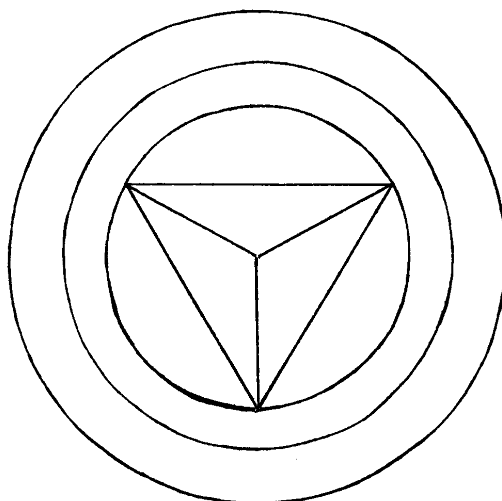
Desde que a imensidade dos espíritos do eixo foi modificada, as essências que haviam extraído fora de seu seio no ponto de reter impressão, isto é, que distinguiram os três princípios em sólido dado ao mercúrio, em móvel dado ao enxofre e ao fluído dado ao sal. A partir desse momento, tudo toma vida pelo veículo eixo central, que os espíritos inseriram em cada corpo para servir de ponto de reunião à operação desses mesmos espíritos para a produção, vegetação e reintegração; desde então, o vazio de que fala a Escritura cessa. Não se pode entender o vazio senão pela privação desse veículo em todos os corpos, de forma que o que ela diz, que tudo era sem forma, deve se compreender a indiferença da matéria de seu princípio, pela ausência da modificação e da distinção que dá forma ao que era informe, e vida ao que estava privado dela. A matéria residindo no matraz filosófico conforme os espíritos do eixo o haviam emanado fora si mesmos, era em sua indiferença, 1. Os espíritos do eixo a modificaram, e, desde que seus princípios foram distintos em seus mistos, tudo teve forma, 2. Após tudo ter forma, eles deram, para formar a vida ou o movimento de todos os corpos, seu veículo eixo central em todos esses corpos, 3.

Paremos aqui. Os espíritos do eixo, tendo feito todo esse trabalho, realizaram a lei, o preceito e a ordem, que estavam inatos neles desde sua emanação, executando seis pensamentos do Eterno contidos no triângulo eqüilátero, imagem que o Eterno havia concebido para a criação deste universo e daquele que devia ali presidir, e no verbo ternário residindo no centro do triângulo tal como a figura do discurso precedente o representa, e dá claramente a idéia do número ternário, visto que qualquer homem que seja do universo não poderá refutar que o ângulo do oeste não é o ângulo do sul, o ângulo do sul não é o ângulo do norte e o ângulo do norte nada tem dos dois outros, o que dá claramente a idéia do número ternário.

O verbo que estava no centro é também ternário, como o demonstrarei pela figura apresentada abaixo.

Considerai o triângulo inscrito nos três círculos. Não é necessário ser matemático; a natureza age mais simplesmente que seus procedimentos fatídicos e puramente materiais. Não é preciso senão dois olhos para ver que o centro é o gerador do triângulo; e não somente dele, mas de toda a figura. Para se convencer disso, não temos senão que observar a dificuldade que temos em descrever um triângulo eqüilátero sem seu centro, que se descreve com facilidade desde que se parta desse triângulo. A natureza escolhe sempre a mais simples via, e tudo que não está marcado nesse selo deve ser observado como apócrifo. Não somente o centro é o gerador do triângulo, mas ele é também sua vida: as três linhas que partem do centro nos fazem ver sua relação íntima com os três ângulos. Se essa relação cessasse, o triângulo eqüilátero estaria morto, isto é, ele teria uma outra

figura que não seria mais a sua. Ora, a figura do triângulo eqüilátero contendo todos os números co-eternos, não pode pois morrer, uma vez que ela foi produzida pelo pensamento direto do Eterno.



Ora, o que sai dessa fonte inefável e imprevisível como ela, é positivamente o plano dos espíritos do eixo, como farei sentir bem claramente. Não é verdade que uma vez que os três princípios, mercúrio, enxofre e sal, tendo sido distintos, formaram todos os corpos deste universo? Atenho-me àquele princípio do corpo geral, ou a terra, que é um triângulo eqüilátero. Não é verdadeiro que esses três ângulos terrestres, ou de toda forma qualquer, não poderiam ter aqui movimento, nem vegetação, nem produção alguma, sem esse veículo que é a vida de todos os corpos? Ora, vejamos bem, fisicamente, que esse veículo é ternário: por uma de suas modificações ele opera sobre mercúrio, por outra ele opera sobre enxofre, e pela terceira opera sobre o sal. Se ele não tinha o número ternário, não poderia acionar sobre os três princípios dos diferentes corpos, por uma lei imutável que o Eterno estabeleceu no universo dos espíritos como na dos corpos, que nenhum ser pode se unir a um outro se ele não tem princípios da natureza desse ser. Ora, todos os corpos do universo se unem uns aos outros, o que prova bem claramente que todos eles têm os mesmos princípios. Vemos, pois que a vida de todos os corpos é necessariamente ternária, para poder manter os três princípios do misto que os compõe. Isto é tão verdadeiro que a retirada desse veículo produz o que se denomina vulgarmente a morte do corpo, e que nós chamamos reintegração.

Se existe algum incrédulo sobre o acima citado, heis uma experiência para convencê-los. Quando tu procuras bem longe no universo, oh! homem, minhas obras, tu ignoras que elas estão junto a ti; procura-as, não nos livros, compilação da imaginação orgulhosa de tuas semelhanças, mas em minhas obras mais simples. Observa tua fornalha, para te convencer que a reintegração do corpo vem da retirada do veículo. Observa que tu tens necessidade de sair desse veículo, primeiramente do fogo, 1, que se comunica com aquele de uma pedra, 2, e que dá, enfim a explosão a um fogo mais sutil, que é aquele do enxofre contido no de um fósforo, 3. Pode-se considerar o fogo desse fósforo como o gerador daquele da lenha. O fósforo, 1, ocasiona o fogo da lenha, 2, e o da lenha aquele do aéreo, que é a chama, 3. Vejamos agora sua reintegração e comecemos pelo aéreo dado ao sal. A fumaça, 1, começa a se reintegrar em seu princípio, o ar ou o sal; o fogoso, 2, se reintegra em seu princípio solar, ou enxofre; e, enfim, mercúrio, corpo sólido, fica sobre a superfície terrestre compondo a cinza, 3.

Vemos, por todos esses exemplos, que a matéria tomou forma pela disposição das três essências, e que as formas tiveram vida através do veículo. Da mesma forma ocorre com a ruptura do matraz filosófico, que se fez pela retirada do espírito duplamente forte do Criador, que continha em privação do movimento todas as formas contidas do matraz. Mas, uma vez que ele viu que elas haviam sido formadas pelos espíritos do eixo, e que eles tinham operado segundo o pensamento de seu Pai eterno, esse Verbo do Pai rompeu a barreira que havia colocado em todos os corpos e lhes

traça, assim como aos diferentes seres espirituais Divinos que os conduziam, as diferentes operações que deveriam seguir, tanto foram ações espirituais Divinas como leis de curso para os diferentes seres corporificados. Ora, a ruptura do matraz filosófico, ou o que denominamos vulgarmente, o caos, começa a se fazer no lugar que o corpo geral, dirigido nessa atividade pela Sabedoria, vem tomar no centro do círculo universal, o corpo geral devendo ser por sua forma triangular, o ponto central da operação dos diferentes corpos de todo o universo; o que demonstrarei ainda melhor na seqüência quando falarei dos corpos celestes.

Desde que o corpo geral tomou seu lugar, os corpos particulares tomaram os seus, que lhes foi da mesma forma fixado pela Sabedoria Divina do Pai. Veremos ainda o número ternário pelo círculo universal, o corpo geral e os corpos particulares. É da reunião de ação dessas três classes de seres deste universo que toda a vida passiva, e que a lei das formas aparentes subsiste durante seu curso de vegetação, produção e até o momento de sua reintegração; aquilo que se vê com os olhos da forma, que, sem a ação espiritual dos espíritos do eixo do fogo central que acionam sem cessar sobre todos os corpos, sobre o veículo eixo central que eles ali tem inserido, sem a reação do astro solar, nada, não tendo vivificação nessa superfície, nada poderia produzir.

Observai bem, meus irmãos, que, desde que o universo teve seu lugar, conforme o Eterno o concebeu em seu pensamento, ele foi apresentado por nosso Divino mestre, que lhe mostrou sua obra realizada, para que ele se dignasse lhe conceder o selo de sua bênção. É esta bênção, ou essa dedicação do templo universal feita ao Eterno, que nos faz conceber o princípio do número quaternário feito de corpos e do número setenário. Farei ver, por tudo o que foi precedido, que o universo, sendo senário por seu duplo ternário de forma aparente e de vida de forma, foi feito sobre o plano como o Eterno havia enviado aos diferentes espíritos do eixo, por seu verbo ternário ao centro do triângulo, porque as três essências são para seu veículo o que o triângulo é para o verbo do Eterno. É esse verbo que Deus concebeu e manifestou, no centro de seu triângulo, aos espíritos do eixo do fogo central, que sustenta todo este universo, da mesma forma que o veículo faz a sustentação de todas as formas. O veículo termina em sua reintegração entre os espíritos do eixo que o produziram, no lugar que o verbo do Pai, sendo eterno, subsistirá para sempre no Ser todo poderoso que o emanou, após ele ter reintegrado dentro de si mesmo.

O número quaternário teve seu início na união que o Eterno fez de todo seu universo em lhe dedicando e formando a vivificação de todos os espíritos, de todas as vidas e de todas as formas, e servindo de centro vivificante, vivo e de vida eterna para os seres espirituais Divinos e de vida de produção, vegetação e reintegração, durante o período de duração de todas as formas deste universo.

Deus é tão essencialmente essencial à duração de todo ser deste universo como um grão de areia não pode ter forma senão quando estiver unido a ele. O grão de areia contém as três essências e o veículo, 6. Ora, o próprio veículo não pode ter vida senão quando está vivificado. Ora, a vivificação pertence necessariamente a Deus, que mantém sem cessar todo o universo dos seres, o que forma o número quaternário: as essências, 1: a forma, 2: a vida, 3; e a vivificação, 4. Igualmente, dividindo as três essências, 3, a vida das formas, 3, dá o número senário, 6.

A vivificação não pode ter lugar senão pelo setenário: é o raio dividido seis vezes, que é engendrado pelo centro, e que forma seis triângulos eqüiláteros, para mostrar que a lei do Eterno é universal, uma vez que é impossível descrever um círculo sem partir do centro. O centro está para o círculo assim como o veículo está para todos os corpos. A ignorância dês-se centro torna o círculo inútil para todo homem que quer operar sobre ele, e a retirada do veículo torna toda forma sem movimento, em putrefação, e faz cessar definitivamente sua lei de aparência para sua reintegração.

Façamos melhor sentir a necessidade do número quaternário. O eixo central, 1, produz e mantém todos os corpos deste universo, 2; o sol os vivifica, 3. Ora, como o círculo eixo central está em

comunicação direta com os sobreceleste, ele tira a vivificação, que as comunica, da Divindade, 4; o que nos faz ver que, desde o cedro até o hissope, desde o inseto até ao elefante, desde a baleia até ao icnêumon, tudo subsiste neste universo pelo número formidável quaternário, como sendo aquele da Divindade, e que completa sua quatriple (em francês *quatriple*, expressão criada por Martinez de Pasqually, significando o quaternário criador que deriva da Trindade Divina) essência indivisível, imutável, infinita e inalterável. Indivisível, porque nada pode subsistir senão por sua união e que, fora dele, tudo deixa de ser, mesmo enquanto vida espiritual Divina, uma vez que ele cai na morte da privação eterna; imutável, porque ele não muda jamais, sua natureza sendo inesgotável; infinito, visto que ele é co-eterno à Divindade, sem princípio nem fim; e inalterável, porque é através dele que a Divindade opera toda emanação, toda criação, toda reintegração. É enfim por ele que toda lei Divina opera, tanto sobre os seres mais perfeitos dos espíritos eternos como sobre os seres mais brutos de forma aparente dessa superfície, visto que nada pode ter forma, movimento e via senão por ele, e que nada pode existir senão por sua união. É, enfim, ele que nos faz ver o Pai, o Filho, o Espírito Santo e o menor.

No discurso seguinte, falaremos das diferentes produções da natureza das diferentes formas deste universo. Pelo presente, observemos, meus irmãos, que tudo o que disse nos discursos precedentes, e que acabei de dizer, nos prova que este universo teve forma e já começa a operar, antes que o homem houvesse saído do seio do criador. Esse assunto será tratado na sexta instrução, onde abordarei, com o amparo do Eterno, de sua emanação.

Amém!

QUINTA INSTRUÇÃO

DAS DIFERENTES PRODUÇÕES DA NATUREZA E DAS DIFERENTES FORMAS DESTE UNIVERSO

Meus Irmãos,

Este vasto universo, criado pelo pensamento todo-poderoso do Eterno, oferece muitas belezas que se pode contemplar em detalhe. Os três círculos da figura acima são as três principais partes que vivificam a superfície do corpo geral terrestre. O primeiro desses círculos, denominado círculo universal, é composto de um número imenso de espíritos fogosos eixo do fogo central, que acionam sem cessar sobretudo o que tem vida neste universo, como contendo um de seus veículos. A ação desses espíritos é tão prodigiosa que ela consumiria logo todos os corpos celestes e terrestres; mas a Sabedoria eterna ali providenciou o segundo círculo que chamamos cristalino, que é composto também de um número prodigioso de espíritos, cuja ação benigna aquática, úmida, acalma o grande fogo dos primeiros. O terceiro círculo é composto por espíritos elementares que nos rodeiam. É através desses três círculos que toda a natureza se mantém.

A prova física do que digo desses círculos se encontra nos três ângulos do triângulo eqüilátero de nossa terra, que nos mostra a ação desses três círculos sobre ela. O ângulo do oeste contém todos os sólidos; é nele que se encontram todas as rochas; corresponde também a mercúrio. A ângulo do sul corresponde ao enxofre; também notamos que esse ângulo da terra está repleto de fogo, todos os vulcões ali parecem reunidos. O ângulo do norte, que corresponde ao sal, reúne todos os gelos que, como todos sabem, não é senão um sal congelado, uma vez que se faz gelo através do sal, etc. A reunião desses três ângulos e desses três círculos nos dá o número senário, que nos faz ver os seis pensamentos do Eterno.

A parte superior alimenta a inferior, da mesma forma que a boca, que não é senão por onde passam os alimentos, nutre o resto do corpo: da mesma forma ocorre com toda a superfície terrestre. Uma

prova palpável de que não há ali senão três elementos, a terra, o fogo e a água - e não o ar, que não é senão uma água mais rarefeita, que corresponde aos três reinos: não há seguramente nenhum reino na parte aérea. Tudo o que aqui é nasceu sobre o corpo geral, ou a terra, e ela mesma está contida nesses três reinos. Toda a espécie volátil nasceu sobre a superfície terrestre e não pode mesmo se sustentar sobre o aéreo senão por um movimento contínuo que lhe faz bem sentir, pela fadiga que lhe dá, que ela não é feita para viver no ar, como o peixe, por exemplo, que põe seus ovos e se reproduz na água. Não ocorre o mesmo no aéreo: todos os insetos que aparecem nessa parte começaram a nascer aqui embaixo, e a prova disso está bem clara, porque não existe nenhuma espécie que não se alimentasse dos alimentos que estão sobre essa superfície.

Os diferentes reinos que estão sobre a terra nos provam ainda a virtude do número ternário: o vegetal, o mineral e o animal são considerados cada um em seu particular como particularidades distintas dos outros. Entretanto, que número prodigioso de seres de forma aparente não contém cada um particularidades em seu particular? O que nos dá ainda uma confirmação do que digo nesses discursos precedentes sobre o misto ternário que compõe todos os corpos, mercúrio, enxofre e sal; eles estão, com efeito, em todas as formas do universo como os três reinos estão em todos os corpos da terra. Da mesma forma que esses três reinos encerram uma prodigiosa quantidade de seres de formas diferentes, que vem habitar em cada um desses três reinos, igualmente a modificação prodigiosa de todas as formas universais se acomodar sob o misto ternário de mercúrio, enxofre e sal, como sendo o gerador, o sustentáculo e o alimento de todos os corpos. Assim que eles cessam sua união, não há mais formas; o que se pode ver pela reintegração do enxofre, que se opera sobre o corpo da madeira de uma lareira: logo que a essência sulfurosa reintegrou, não existe ali mais forma; enquanto ela ali estiver, o corpo não está destruído. Como no carvão: existe ali uma forma, mas no momento que o carvão recebeu uma nova ação fogosa que reintegrou o que lhe restava de sua parte sulfurosa, não resta mais forma senão a cinza; se colocamos novamente esta cinza em um grande fogo, ela se reintegra também.

Perguntarei agora: o que dá a forma a essa madeira? Que são as leis essenciais que a compõe? E o que deu o número de sua figura? Responderei que a forma está inteiramente dissipada, uma vez que dela não se tem mais nenhum vestígio; que essas essências estão reintegradas na parte elementar, mas que ali sempre resta o número, e heis como eu o provo. O número é co-eterno, assim como o fiz ver nos discursos precedentes; as formas, por mais que variem, não possuem senão uma pura aparência, os espíritos que as formaram produziram e lhes comunicaram seu número. Eles não podem pois perdê-lo; é absolutamente necessário que ele retorne a eles, tal como eles o deram. Os espíritos do eixo receberam desde sua emanação o número ternário. É preciso que o que se opera porte o número de seus fatores, agentes ou fabricantes, visto que é por esse número de seus fatores, agentes ou fabricantes, visto que é por esse mesmo número que operam sobre todos os corpos que saíram de seu seio. Eles ali operam por seu número ternário: é preciso, pois, que esse mesmo número do corpo qualquer retorne à sua fonte primeira, visto que o número não tem seguramente nem figura nem forma alguma, ainda que nós não possamos concebê-lo sem tal. Mas sentimos bem, por exemplo, que um espírito não tem forma; e o mesmo ocorre com o número. Vemos, pois, por isso, que toda a matéria não subsiste, não tem forma e duração, senão pela operação contínua dos espíritos dos eixo do fogo central que produzem, senão através dos espíritos cristalinos que a modificam, e através dos espíritos elementares que lhes dão seu sustento pela parte de influência que lhes comunicam segundo a receberam pela supra-celeste Divindade.

Não é preciso crer que o número prodigioso de espíritos que mantém todos os corpos deste vasto universo, tenham eles próprios necessidade de receber uma matéria real subsistente para mantê-lo. Realmente não. Esses espíritos têm inato em seu seio, desde sua emanação, a faculdade de extrair essências espirituais e de mantê-las, como um pai alimenta seu filho, porque ele tem o que lhe fornecer para comer: o mesmo acontece com os espíritos. Eles têm tudo o que pode manter a produção, a vegetação e a reintegração de todos os corpos deste universo, sem que ele necessite de

um veículo de matéria real existente, visto que a matéria não tem realidade senão por sua aparência, e que sua aparência não subsiste senão pela operação desses mesmos espíritos, que é puramente espiritual, distinta desses espíritos puros e simples, em que os espíritos ternários são dotados de toda espécie de faculdade, de movimento e de correspondência para a manutenção de todos os corpos, mas eles não têm a inteligência nem o pensamento que são dados aos espíritos puros, tais como o homem, etc. Heis o que significa a ação espiritual, e pode-se qualificar de movimento, visto que a ação propriamente dita pertence a seres superiores àqueles dos quais falamos e é puramente espiritual, o que se pode conceber pela diferença imensa e incomparável do pensamento como toda espécie de movimento dos corpos. Pode-se fazer muitas vezes a volta no universo através dele em um instante; enquanto que para deslocar o mais pequeno ser da superfície a uma distância qualquer é necessário um tempo sensível, o que não se refere de modo algum ao pensamento, que não tem limite e que não está sujeito ao tempo.

Os corpos não são pois o que as crianças nos fazem ver sobre o vidro onde colocam água e sabão e com um canudinho formam um corpo aparente que tem seu cheio ou seu peso, sua medida ou sua figura, e seu número que é a operação dos agentes das formas. Assopra-se esse corpo aéreo a uma altura acima daquela onde se formou: a reação que ele opera caindo lhe faz romper sua união, ele se reintegra no aéreo, sem que reste dele o menor vestígio aos olhos daqueles que o vêem. O mesmo ocorre em todas as formas: tudo o que tem princípio deve ter um fim. Esse corpo, cuja duração nasceu em um instante, é a imagem real dos corpos sólidos da terra, tais como os diamantes, as pedras, as rochas mais duras. Sua reintegração se dará pelas mesmas leis que as das bolhas de sabão, cada um seguindo a modificação do que a compõe. Também não podemos mais conceber uma matéria real existente que não podemos conceber o uso contínuo de um hábito sem usá-lo. Um hábito forma todos os dias sua reintegração e tem necessidade de ser renovado; o que nos faz ver a duração sucessiva dos diferentes corpos que não subsistem senão pela operação contínua dos diferentes seres que os acionam, que podemos ver no fim contínuo desses mesmos corpos no final deste universo aparente. Apressemo-nos a considerar o instante em que todos os seres não terão mais limites senão aqueles que eles mesmos se derem, pelo uso de seu livre arbítrio que terão conquistado aqui em baixo.

O Ser todo poderoso que preside a tudo e cuja bondade infinita se faz sentir em todos os seres, não contente de ter gravado com características inefáveis as santas leis em nossas almas e em nossos corações, quis ele próprio dar o exemplo daquilo que devíamos seguir para participar da felicidade de seus eleitos. Suas três santas manifestações de glória começam com *Adam*, 1; são renovadas sob a posteridade de Adão pelo santo homem *Enoch*, 2; continuam em *Noé*, 3, à reconciliação da terra; assinalaram enfim sua potência sob *Abraão*, 4; depois sob *Moisés*, 5, na libertação do povo eleito. A mesma libertação se fez ver sob *Zorobabel*, 6, pelo retorno do cativeiro da Babilônia, vindo a formar o centro de suas operações espirituais Divinas; pela regeneração do menor, pelo nascimento de nosso Divino mestre Jesus Cristo, que veio colocar o selo nos menores que se tornaram, se tornam e tornar-se-ão dignos pela 7ª eleição que fez no centro de seu receptáculo, que deveria ser o ponto de reunião de todos os espíritos que uniram sua vontade à sua, participando das promessas do Eterno, do fruto de tantos eleitos, da ação do Espírito Santo, da operação de tantas graças, da destruição da barreira que nos separava da comunicação Divina pelo pecado de nosso primeiro Pai, da operação dos apóstolos, dos profetas e dos patriarcas, dos dons inefáveis do Espírito Santo, e mais que tudo isso, do sangue precioso de Jesus Cristo ofertado ao Eterno para nossa santificação e aspergido sobre o ser espiritual Divino e sobre a forma aparente de cada um de nós que desejamos seguir as santas leis que ele nos traçou durante sua vida.

Unamo-nos todos com um só pensamento, vontade e ação para chegar ao altar de suas compaixões no santo tempo da semana santa, onde o universo inteiro celebra a morte de nosso Divino Salvador; morramos todos com ele ao mundo, a seu orgulho e a suas cobiças, para ressuscitar com ele, com o

hábito da santificação, ou com o hábito de uma nova vida toda espiritual Divina, inteiramente devotada a seguir em tudo às santas leis, preceitos e mandamentos do Eterno. Deus nos faça a graça.

Amém!

SEXTA INSTRUÇÃO

DA EMANAÇÃO DO HOMEM

Meus irmãos,

É preciso descrever o quadro da emanação do primeiro homem para traçar o tema de nossa glória ou de nossos remorsos: de nossa glória pelo estado sublime no qual ele foi colocado em seu primeiro princípio, e de nossos remorsos pelo estado de declínio, erros e de trevas onde mergulhou por sua prevaricação? Mas como remontar a esse primeiro estágio se não temos dele uma justa idéia? É entretanto, nosso dever porque todos os nossos trabalhos têm por fim readquirir os conhecimentos que tivemos a infelicidade de perder pela prevaricação de nosso primeiro Pai.

O universo foi criado, todos os seres que o compõe e exerciam as leis de sua emanação, tais como a Divina sabedoria os havia prescrito; todos os corpos ocupavam seus lugares, quando o Eterno emanou o homem, ou Adão, ou homem ruivo: *réaux*, que significa ser elevado em glória espiritual Divina. Ele o emanou em um corpo de glória, incorruptível, que não estava sujeito a nenhuma influência da parte elementar; ele não tinha necessidade de nenhuma espécie de alimento para a sua forma, que era toda espiritual; o espírito mais puro do eixo do fogo central não tinha mais influência sobre essa forma senão aquele que opera sobre a parte mais grosseira da matéria, uma vez que um corpo de glória não é senão a forma aparente de um espírito puro, que o prende à vontade e que abandona igualmente tornando-se espírito puro e simples. Essa forma era semelhante com a que temos no presente. O triângulo eqüilátero, primeira imagem que apareceu na imaginação pensante do Eterno tinha essa mesma forma; ela não era diferente da que temos, senão na natureza: uma era gloriosa, espiritual e positiva, e a outra tenebrosa, material e passiva.

O Eterno havia criado tudo para esse homem, a quem dá o nome de Homem-Deus da terra. Após lhe ter feito manifestar sua imensa potência sobre todo este universo criado que lhe obedecia com respeito, ele lhe deu sua lei, seu preceito e seu mandamento, para poder operar em relação e contra os primeiros espíritos perversos; ele lhe instruiu sobre a finalidade de sua emanação, que deveria ser de atacar, combater e reduzir na maior privação os primeiros espíritos perversos e operar para a sua reconciliação; ele devia, enfim, fazer em seu favor o que eles sempre fizeram, e que ainda fazem, contra o homem, seduzindo-o e aprisionando-o nas armadilhas do erro e da sedução impura que empregavam contra ele para conduzi-lo ao mal. Adão devia dirigi-los para o bem pelos diferentes trabalhos que devia operar sobre eles. Ele havia recebido do Eterno um verbo da posteridade de Deus semelhante a ele, pelo qual seria visto renascer fazendo descer nas formas gloriosas semelhantes à sua, um ser espiritual Divino que o Eterno teria enviado: Adão teria operado por seu verbo um corpo de glória no qual o Eterno teria feito descer um espírito. Deste modo, a operação de Adão teria sido realizada com o Eterno, e ele se teria visto renascer em uma posteridade de Deus, do qual toda a glória teria feito a admiração dos céus e da terra.

Poderiam, talvez, me perguntar como um verbo pode produzir uma forma. Responderia que o Eterno sendo um espírito puro, sem espaço, sem limites e sem extensão, uma vez que é infinito, não pode emanar seres espirituais Divinos e formas aparentes senão por seu pensamento todo-poderoso. Ora, o espírito que ele emana é certamente verbo, como se pode considerá-lo: o pensamento engendra a vontade, e a vontade o verbo. De modo algum ocorre com a Divindade como no caso dos seres limitados: todo o verbo no Eterno é um espírito, enquanto que entre todos os seres

emanados, todo o verbo não é senão uma ação desse mesmo espírito. Nenhum pensamento na Divindade pode ficar sem ação. Ora, todo o ser que ela emana fora dela mesma sendo dotado de sua parte das faculdades necessárias para manifestar sua vontade, tem inato nele um verbo pelo qual deve manifestá-la. Esse verbo está tão intimamente ligado a seu ser que ele é considerado ser ele mesmo; o que eu explicarei em maiores detalhes antes de ir mais adiante.

O Verbo eterno da Divindade, residindo eternamente em união intima com a Divindade de Deus Pai, visto que é a sua ação direta e é dessa forma a própria Divindade, igualmente o Espírito Santo, que é a ação eterna de um e de outro, não deve ser confundido de modo algum com nenhuma espécie de emanação, uma vez que são as essências da Divindade. Mas todo o ser espiritual Divino, sendo emanado da Divindade, é considerado como tendo inato em si o verbo de sua emanação, como tendo vindo da tríplice essência da Divindade. Por sua emanação do Pai Eterno, ele tem inato em si o pensamento; pela emanação do Filho eterno, ou o Verbo, ele tem também seu Verbo; e pelo do Espírito Santo ele tem a sua ação. Esse verbo está tão intimamente inato em si que é ele quem constitui a lei, o preceito e o mandamento que deve seguir; ele contém em si o número que, sendo co-eterno, faz a operação do pensamento do Pai, da vontade do Filho e da ação do Espírito. É o que quer dizer a Escritura quando diz: "Os céus e a terra passarão, mas os meus verbos não passarão jamais"; porque toda a emanação é eterna: 1º - pelo pensamento; 2º - pelo verbo; 3º - pelo número; e, 4º - pela própria essência que a compõe, que, sendo espiritual Divina, encontra-se inata em si quatro faculdades eternas, visto que ela é uma emanação da *quatripla* essência da Divindade. Um verbo propriamente dito é um espírito, porque a Divindade não manifesta seu pensamento todo-poderoso senão pelos espíritos. Ora, pensamento necessariamente sempre, ele emanou, pois, também necessariamente sem cessar espíritos, aos quais criou virtudes, poderes e propriedades, o que lhe dá o nome de Eterno Criador. Adão havia sido feito depositário, em nome do Eterno, de um de seus verbos de criação de forma gloriosa, na qual o Eterno havia feito descer um espírito Divino semelhante a ele, e ele se teria visto, dessa forma, renascer em uma posteridade de Deus.

Adão tendo manifestado, por ordem e na presença do Eterno, a imensa potência da qual estava revestido, foi deixado só pela Divindade, para operar a força, a virtude e potência de que estava revestido. Adão conhecia perfeitamente a finalidade de sua emanação, e sabia que havia vindo para combater sem cessar os maus demônios, e para operar em seu favor. Adão, deixado só, começou a refletir sobre o imenso poder de que estava revestido, que acreditava ser igual ao da própria Divindade e, nessa perplexidade, queria ler na imensidão Divina, coisa que lhe havia sido proibida pela Divindade, que lhe havia dito expressamente de jamais ler senão com a sua participação ou por sua ordem. (Essa imensidão Divina é incompreensível a todo o ser emanado, uma vez que é preciso ser o próprio Deus para compreendê-la). Essas buscas irrefletidas mergulharam Adão em uma perplexidade, não conseguindo definir o que não lhe havia sido permitido ler. O pensamento que Adão havia lido na imensidão Divina não tardou um instante de ser conhecido pelos primeiros espíritos perversos.

Antes de ir mais adiante, direi que Adão havia sido emanado no centro das seis circunferências espirituais Divinas, da qual era o centro, e que lhe faziam sentir que era feito para comandar a todo este universo. Ele habitava o centro do paraíso terrestre, que não é senão o centro dos céus, visto que um corpo de glória, sendo espiritual, não tem necessidade de base sólida para sustentá-lo. Os diferentes frutos que lhes são atribuídos alegoricamente nesse paraíso não são senão aqueles que o Eterno esperava desse primeiro homem, se ele houvesse seguido o plano de sua emanação. Eles representam ainda que Adão não era suscetível de ser alimentado por nenhum dos frutos imundos dessa matéria, mas que ele era alimentado apenas de frutos puramente espirituais Divinos de sua natureza, porque nenhum espírito puro e simples, tal como era Adão, não bebe, nem come para manter sua forma, visto que ele a deixa e a retoma quando lhe apraz. O paraíso da terra, ou terrestre, não é senão o centro dos céus, que Adão devia habitar com toda a sua posteridade, senão houvesse prevaricado, e os primeiros espíritos perversos houvessem habitado então a parte inferior, ou a terra,

onde eles teriam sido enclausurados nas formas de matéria aparente mais ou menos semelhantes àquelas que nós temos. Não há dúvida de que, se Adão tivesse permanecido fiel à lei do Eterno, ele teria sido um mediador de reconciliação em favor desses primeiros espíritos perversos. A primeira loja que surgiu no universo foi aquela do Criador, de seu filho Divino sob o nome de Hely e Adão. Eles a dirigiram para concluir a forma que dariam aos primeiros espíritos perversos. Adão devia, pois, estar consciente de que todo plano dessa lei que deveria aplicar a esses prevaricadores dependia da força com a qual ele os resistiria em seu combate, uma vez que o chefe dos demônios, tendo concebido o pensamento ímpio de atacar a própria Divindade, atacaria sem dúvida os seres emanados que ela emanaria e era, positivamente, sobre esse combate que Adão havia sido dotado, pela Divindade, de um poder imenso para lhe resistir e reprimir.

Adão, sendo um aspecto da Divindade, lia então o pensamento do Eterno; lia também o do espírito perverso, porque de espírito a espírito puro e simples nada há de oculto. O que não ocorre entre os homens, que escondem seus pensamentos e que os mascaram com palavras muitas vezes opostas: diante do espírito, tudo é sem véu, sem nuvem e a descoberto. Heis porque a linguagem do espírito bom é incompreensível aos homens de matéria, porque por sua junção impura com o espírito mau eles receberam sem cessar novos véus que lhes ocultam a verdade. É esse véu de abominação que venda todo o homem que se deixa cobrir por ele, homem do erro, de dúvidas, de obscuridade, e o conduz definitivamente na privação eterna persuadindo-o que ele segue a lei do Eterno, do mesmo modo que o demônio persuadiu Adão. Porque, se o espírito mau demonstrasse ao homem todo o horror de seus pensamentos, ele não teria se deixado seduzir, mas é através de um grande número de prestígios que ele sabia ser suscetível de prazer pela vontade má do ser espiritual que ele ataca, que seduz insensivelmente o sentido de sua matéria, e em seguida o ser Divino.

Suponha um homem que contempla claramente um lugar de delícias, onde todas as belezas reunidas causam um deslumbramento à sua alma; suponha que esse homem tenha recebido ordem de ter sempre os olhos voltados para esse lugar, e que, desde o instante que se deixasse seduzir para olhar alhures, ele cessaria então de ver o lugar de delícias.

Alguém atrás dele o chama, e lhe diz de voltar a cabeça, que há outro lugar mais agradável que o primeiro. Este homem é livre, ele contempla esse lugar e vê claramente que nada pode igualá-lo. Contudo, por sua livre vontade, deixando-se seduzir, volta a cabeça: ao invés de ver um lugar de delícias, vê apenas objetos de horror. Ele deseja voltar seu olhar para seu primeiro objeto, mas foi colocado um muro de dez pés de espessura que lhe impede de vê-lo. Pedi-lhe agora que ele vos dê o plano desse primeiro lugar: isso lhe será bem difícil; ele virá mesmo, pelo distanciamento em que está, a duvidar do que lhe dirão aqueles que o vêem nesse momento.

Adão tinha o seu livre arbítrio, da mesma forma que os primeiros espíritos perversos: uma vez que ele vinha operar sobre eles uma justiça, ele era dotado da mesma natureza, da faculdade pela qual os primeiros espíritos perversos tinham pecado para lhes servir de exemplo, de instrução e de lição viva que teria operado sobre eles uma mudança considerável. Restringindo mais e mais a ação maldosa desses primeiros espíritos e lhes servindo de inteligência boa, ele os teria conduzido insensivelmente a uma mudança de ação, ou a uma regeneração, uma vez que todo o espírito que muda de lei, muda necessariamente de ação.

Porque, se o chefe dos espíritos perversos tivesse mudado, adaptando-se à lei do Eterno, não se trataria mais do mal em toda a extensão deste universo, visto que é árvore da vida e do mal; não que seja o próprio mal: uma vez que, por sua emanação, ele tem inato em si a lei do Eterno, ele não pode senão engendrar o mal, e não criá-lo de alguma espécie de matéria. Toda a criação pertence necessariamente a Deus, Eterno Criador. Os espíritos perversos não podem engendrar senão ações opostas ao bem; o que se faz sempre neles, com uma diminuição considerável de sua ação, uma vez que o soberano bem existindo necessariamente na Divindade e a possibilidade do mal não tendo

jamais sido, é absolutamente necessário que todo o ser particular que quer atacar o ser necessário torna-se o mais fraco de todos os seres.

Uma vez agindo por princípios opostos àqueles que estão inatos em si, ele sente no mesmo instante de suas vitórias, os combates no interior de si próprio, que os humilham mais do que suas vitórias podem orgulhá-lo. Esses combates provêm da convicção perfeita de que ele não pode destruir em si, que tudo o que ele fez está oposto à sua própria natureza de ser espiritual Divino, e pela falta de satisfação onde está, que não é senão a divisão daqueles que seguem as leis do ser necessário; o que se pode considerar pela vida dos homens daqui de baixo, que não operam o mal senão com esforço e trabalho, e não encontram senão um vazio horrível após o êxito dos empreendimentos maus, pelos quais se prometem as maiores satisfações. Esse estado infeliz do homem conduziu muitos deles ao desespero, no mesmo instante que seus semelhantes, guiados pelo mesmo erro os julgavam no auge da felicidade. Nada pode destruir, repito, a natureza das leis que o Eterno estabeleceu. Todo o ser que delas se afasta é o mais infeliz dos seres, porque a natureza inteira conspira contra ele, tudo estando baseado no bem.

Ele torna-se, então, o duplo receptáculo do mal e do bem: do mal que opera com esforço, e do bem que faz seu suplício, uma vez que não pode jamais destruí-lo, porque está inato em si. Pode-se constatar, por tudo o que acabo de colocar, que a origem do mal não deve ser considerada como sendo a própria obra de algum espírito que seja o próprio mal; não significa propriamente que a vontade, oposta àquela do ser necessário engendre o mal. É nesse engendramento do mal que faz ver a pouca solidez de todas as buscas dos homens sobre os objetos opostos à sua natureza, uma vez que elas não tendem senão a torná-los os seres mais infelizes da natureza, unindo-os aos professores do mal, o que se vê todos os dias sob nossos olhos pela infeliz conduta dos homens, que, se deixam conduzir pelo que chamamos vulgarmente de paixões e que denominamos o mau intelecto, procuram, entretanto, nessas trevas a luz, e não a encontram jamais, semelhante a esses navios que, na guerra, se acreditam estar, pela falta de sua estima, em pleno mar e que, vendo algumas luzes, as tomam por navios, e, navegando sobre elas a toda vela, não acreditam jamais chegar a tempo, não encontram senão rochedos íngremes, sobre os quais se quebram, e encontram a morte naquilo que acreditavam dever fazer sua felicidade nesta vida. Esta imagem é a de todo homem que se deixa seduzir pelo nosso inimigo comum, cujo trabalho consiste em fazer parecer aos homens suas leis de abominação tão claras quanto as leis espirituais Divinas.

Mas o homem tem poderosas armas a lhe opor. As mais poderosas são as da oração: é através dela que o homem se une mais particularmente à ação infinita do Espírito Santo, que lhe comunica uma força superior a todas àquelas de seus inimigos. Depois da oração, coloco a regularidade da conduta, porque é bastante difícil poder aproximar-se do fogo sem se queimar. A terceira são as boas obras, que estão propriamente naquele que as faz, uma vez que elas lhe proporcionam um fruto inalterável de graças do Eterno; que o conduzem enfim, mesmo desde esta vida, ao abrigo de todos os ataques de seus inimigos. O que rogo ao Eterno de conceder a todos nós. A ele esteja a glória, honra e louvores para todo ser emanado e criado, nos séculos dos séculos.

Amém!

SÉTIMA INSTRUÇÃO

DA PREVARICAÇÃO

Meus irmãos,

Após vos ter traçado o estado glorioso de nosso primeiro Pai, vamos examinar aquele em que ele caiu por sua prevaricação.

Ele havia sido emanado para manifestar a maior glória do Eterno, e desejou manifestar sua potência para sua satisfação particular, em se deixando seduzir por seu inimigo, que lhe comunicou um plano totalmente oposto aquele das leis do Eterno. Adão se revestiu da potência demoníaca para atacar o Eterno e cometeu seu crime na presença dos espíritos perversos e a seu prejuízo, visto que, como já havia dito, ele havia sido emanado para operar em favor desses primeiros espíritos um culto de reconciliação.

Adão, precipitado pela justiça do Eterno do centro das religiões celestes, foi obrigado a ir se revestir nos abismos da terra de uma forma semelhante àquela que temos: ele tornou-se sombrio e tenebroso por seu crime e pela nudez, que se encontrava com a companheira e o objeto de sua desgraça, pelo despojamento que Deus lhe fez de seu corpo de glória, como a Escritura, falando emblematicamente, diz que Deus lhes vestiu. Ora, a vestimenta que Ele lhes deu não foi outra senão a forma aparente que cobriu nosso ser espiritual Divino, ou nossa alma.

Deus os expulsou do paraíso terrestre, ou do céu, para arrastar-se sobre a terra, como o resto dos animais e os sujeitou ao tempo. Foi essa sujeição que fez Adão sentir todo o horror de seu crime, uma vez que, em seu primeiro estágio de glória, sendo ser pensante na Divindade, não conhecia nenhum obstáculo para se comunicar com ela; ao passo que, em seu corpo segundo, de matéria, ele se encontra sujeito aos ataques do intelecto que vem incessantemente atacar sua forma aparente, para atacar logo depois, desde que ali dominou, o ser espiritual que ela encerra. Ora, enquanto a alma faz esse combate, ela não está pensante, mas pensativa. O que de modo algum ocorria com Adão, que, tendo recebido da Divindade um corpo de glória incorruptível recebia comunicação do pensamento do Eterno por um ser superior que Deus lhe enviava sob uma forma aparente e que lhe comunicava sem nenhum véu sua vontade; enquanto que tendo se tornado pensativo pelo trabalho que foi obrigado a fazer sem cessar contra o mau intelecto, ele não pode mais ser pensante senão pelo tempo, pela união íntima com o espírito.

Ora, essa união não é senão a recompensa da força com a qual ele rechaça o intelecto mau, o que satisfaz a justiça do Eterno relativamente ao crime de nosso primeiro Pai, visto que o ser da terra que gozará a maior união do espírito deve necessariamente ser aquele que sentiu a maior privação, pois durante o tempo que travou combate contra os maus, sua alma estava no compartimento da privação e do temor, que é o que chamamos padecimento do espírito: da privação pelo afastamento do espírito bom e a proximidade do mal, e de medo pelo terror de chegar ao estado em que está o homem - presa de seu inimigo.

Ora, é a fidelidade do menor nesta batalha espiritual que fez os apóstolos e os profetas, e é ela ainda que faz os sábios. O ser pensante está diretamente na Divindade, ao passo que o ser pensativo não pode ali ler jamais enquanto está pensativo, uma vez que esta é sua privação. O homem é, pois, agora pensativo e pensante; pensativo pela sujeição onde está de fazer um combate de expiação; e pensante pela recompensa que Deus concede às suas vitórias unindo-o intimamente ao espírito pelo qual lê, então, na Divindade. Se cada um de nós deseja observar o que se passa todos os dias sobre ele, sentirá a certeza do que acabo de dizer.

Essa queda de Adão, tal como está qualificada nas Escrituras, onde está escrito que Deus lhe havia dito de comer todo o fruto do paraíso terrestre à exceção do fruto da árvore da vida, da ciência do bem e do mal. A árvore da vida não é senão o chefe demoníaco, que é a árvore da vida do mal por uma eternidade. Foi, com efeito, por ter comido de seu fruto, ou por haver retido a impressão de seu mau pensamento, visto que, como já disse acima, Adão era um espírito puro que não bebia nem comia nenhum alimento elementar, mas era alimentado de um nutriente todo espiritual Divino de sua natureza. O fruto proibido não era outra coisa senão o pensamento demoníaco que Adão recebeu

e que lhe acarretou a morte, colocando-o na privação da comunicação espiritual Divina, e pela qual ataca, com seus partidários, à Divindade.

É esse crime horrível que lhe fez sentir sua nudez, uma vez que logo após ter comido (o fruto proibido) foi despojado de seu corpo de glória e foi banido do céu, ou do paraíso terrestre, e veio arrastar-se sobre a terra como o resto dos animais. Adão sentiu uma perturbação inconcebível em sua forma de matéria. O espírito bom companheiro lhe reapresenta sem cessar o horror de seu crime, oferecendo-lhe sem cessar aquela imagem. Adão concebeu o arrependimento puro mais amargo e começou sua penitência que durou quarenta dias, nos quais não cessou de sofrer com sua companheira por seu crime. Esse primeiro culto de expiação foi inspirado em Adão pelo nosso Divino mestre Jesus-Cristo sob o nome de Hely; que ofereceu ele mesmo a Deus seu Pai, um culto para que o homem, ou o menor, não fosse colocado pela justiça do Eterno na privação Eterna. Sem esse culto do homem Divino, Adão não teria podido fazer penitência de seu crime e teria se tornado o menor dos menores demoníacos, porque a penitência, ou a dor do pecado, não pode vir jamais diretamente daquele que a cometeu, visto que ele está, então, na condição de morto; ela lhe é sempre comunicado pelo Espírito Santo. Ora, é sua união com o Espírito Santo que faz seu mérito, e é por ele que adquire todas as luzes sobre os meios mais eficazes para obter a remissão de suas faltas. Ora, é preciso sempre um mediador entre Deus e o pecador, uma vez que Deus, sendo imutável e tendo condenado todos os pecadores à morte eterna, é necessariamente indispensável que se encontre um justo que tome para si o peso da morte ao qual todos os pecadores são condenados. De onde se pode ver a necessidade da operação de justiça, de misericórdia e de reconciliação que Jesus Cristo, nosso Divino Mestre, veio operar no meio dos tempos em favor de Adão e de sua posteridade que se tornava suscetível como ele, uma vez que Adão, por sua prevaricação, encontrando-se morto em privação eterna não poderia jamais ter podido retornar à vida se Jesus Cristo não houvesse arrebatado de cima desse ser infeliz o peso da justiça do Eterno sobre a qual ele estava, oferecendo a si próprio a Deus, seu Pai, coberto de todo o peso do crime de Adão e de sua posteridade. Sem esta justiça de Jesus Cristo, Adão não teria jamais podido obter perdão de seu crime e não teria jamais podido obter sua reconciliação, uma vez que não teria condições de ter a comunicação do Espírito Santo. Era preciso necessariamente, para que Adão começasse um culto de expiação, que seu Divino mediador, e de sua posteridade fosse desde esse momento oferecido como vítima de expiação desse mesmo crime.

Essa justiça do homem Divino em favor de Adão deve-nos fazer entender qual era o culto que Deus esperava de seu primeiro homem em favor dos primeiros espíritos prevaricadores, uma vez que Cristo disse vindo ao mundo: *"Eu sou o verdadeiro Adão."* A forma de nosso primeiro Pai, após sua prevaricação, não se alterou; ela era semelhante à forma gloriosa que ele tinha quanto à imagem, relativamente ao triângulo eqüilátero que Deus havia concebido para ser a imagem do chefe deste universo. O culto que Jesus-Cristo ofereceu em favor de Adão o tornou suscetível de operar, mesmo no centro de sua forma de matéria aparente, um culto espiritual temporal que o conduzisse à sua reconciliação perfeita, e que ele transmitiu à sua posteridade para esse mesmo fim. Adão tendo mudado de forma, visto que estava em seu princípio revestido de uma forma gloriosa, totalmente espiritual e que desceu sob uma forma tenebrosa de matéria passiva; mas a imagem é exatamente a mesma, ela continha em suas extremidades o triângulo eqüilátero.

O corpo do homem se dividiu em três partes: a primeira é a cabeça, a segunda é o peito, e a terceira são os ossos. Essas três partes estão unidas por ligamentos cartilaginosos que se podem desunir sem romper os ossos. Vemos ainda aqui o número ternário: os ossos, o sangue e a carne, que, com as três divisões, nos fazem ainda ver o número senário, ou os seis pensamentos que o Eterno empregou para a criação deste universo. Encontra-se ainda o número senário nas três essências que compõe o corpo do homem, e os três ângulos do triângulo eqüilátero, que são seis; adicionando a esses dois números, temos o número 12, ou 3, que nos fazem ver que o corpo do homem é a operação dos

espíritos do eixo do fogo central, que portam o número ternário e cujo trabalho deve conter o número.

Poderiam, talvez, perguntar-me se as leis que Adão tinha em seu corpo de glória são as mesmas que tem em seu corpo de matéria aparente. Responderei que um ser que muda de ação, muda necessariamente de leis. Em seu primeiro princípio, Adão tinha uma ação toda espiritual Divina, visto que não estava associado a nenhuma espécie de ação temporal. Consequentemente, sua lei era puramente espiritual, ao passo que, em seu corpo de matéria, sua ação tendo sido extremamente limitada e estando sujeita ao temporal, sua lei foi transformada de espiritual pura e simples em espiritual temporal, o que o tornou ser de privação, visto que os corpos, quaisquer, são sempre um caos, ou trevas ao espírito, o que prova demonstrativamente que a forma de matéria da qual Adão se revestiu pelo decreto do Eterno foi feita para lhe servir de prisão, e para lhe fazer sentir todo o tempo de morada naquela forma, o castigo de seu crime. É pelas diferentes divisões que sofreu nessa forma de matéria passiva que satisfez em parte a justiça do Eterno. Aqui se pode ver a necessidade absoluta que se encontra o menor aqui embaixo para suportar o castigo da alma, do corpo e do espírito, e para expiar a falta de nosso primeiro Pai.

Entraremos, na seqüência, mais particularmente no detalhe da prevaricação de Adão. Falarei agora do físico que se opera para a purificação do pecado. Darei por exemplo uma barra de ferro que se tira de uma matriz, ou de uma mina. Não é verdade que ela está repleta de partes grosseiras e sujidade, que lhe impedem de poder servir para algum uso? Que se trabalha nela para poder devolvê-la a um estado de pureza suscetível de conservar as diferentes formas que se deseja lhe dar? Emprega-se o fogo mais violento de um carvão de pedra, cuja chama espessa e suja atrai a ela todas as partes que são de sua natureza, enquanto que um outro carvão de madeira, mais leve espalha uma chama pura, que, por sua ação superior àquela do fogaréu contido no carvão terrestre, separa todas as partes sujas que o outro atrai, uma vez que são de sua natureza. O fogaréu do carvão de madeira tendo movimento muito ativo, à medida que separa as partes sujas, ele se comunica com os veículos inatos no fogo, e lhe dá um movimento considerável, até o ponto de lhe dar seu próprio calor fogoso. Ora, desde que há esse calor, há uma prova certa de que está em comunicação direta com seu superior fogoso. Então, detém-se essa grande ação fogosa pela água, que rende então o fogo à sua pureza natural e próprio a ser empregado aos usos de sua lei.

Vereis nesse corpo bruto o que se passa no corpo do homem mais favorecido pelos dons da natureza, tal como era Adão no momento em que desceu em seu corpo de matéria, que era corpo de pecado pela maldição que havia lançado sobre ele e sobre toda a terra. O corpo de Adão sendo terrestre estava, pois, repleto de partes sujas, grosseiras e de máculas que seu inimigo ali havia feito. O que empregou Deus para purificação de seu homem arrependido, penitente e suplicante? Ele empregou os fogos dos quais já falei na comparação que fiz: um bom, procedente da ação toda-poderosa do Espírito Santo, cuja santidade, pureza e ação operam com sua eficácia sobre a forma desse primeiro homem, separou insensivelmente as manchas imundas estranhas que o espírito de trevas ali havia colocado, enquanto que esse espírito mau que o golpeava sem cessar, atraía a ele o que era de sua natureza.

Quais eram os veículos de sua natureza? A fé, a esperança e a caridade, inatas por ordem do Eterno em Adão. É sobre essas faculdades do homem que o Espírito Santo soprava sem cessar para separá-las da imundice do crime de Adão, enquanto que o mau espírito contra-atacava de seu lado para fazê-lo perseverar em sua falta. Ora, vimos que todo o mérito de Adão foi o de estar unido ao Espírito Santo pela fé. É por ela que separou, pelo fogo do Espírito Santo, todas as imundices que estavam em sua alma e em sua forma, e que alcançou a sua reconciliação, apresentando ao Eterno sua alma e sua forma em seu estado de brancura, de pureza e inocência, tal como sua natureza espiritual Divina o exigia.

Não cessemos, pois, meus irmãos, de trabalhar sobre nós para sermos perseverantes na fé, uma vez que é o único meio de obter a remissão de nossas faltas. Vê-se bem que os maiores atos da humanidade não são nada sem ela (a fé), visto que não são senão esses atos que nos unem ao espírito. É pela fé única em Jesus-Cristo que somos salvos; é por ela somente que fechamos a goela do leão; é por ela que temos a inteligência, a esperança e a caridade, que é o centro de todas as virtudes: sem ela nada temos.

OITAVA INSTRUÇÃO

DO CORPO DO HOMEM E DE SEU PENSAMENTO

Meus irmãos,

Assim que Adão foi perdoado de seu crime, pela pura misericórdia do Eterno, pela bênção que lhe deu, assim como à companheira, Deus lhe disse: "*Adão, realiza tua obra e opera com ela uma posteridade de formas particulares, nas quais enviarei um ser espiritual semelhante ao teu.*" Adão operou, então, em conformidade com Eva, a forma de seu filho Caim, com um desvelo excessivo dos sentidos de sua matéria; o que tornou essa posteridade suscetível de todos os flagelos da justiça eterna. Esse nome que Adão deu a seu primeiro filho, Caim, que significa *"filho de minha dor"* profetizava a grande dor que esse filho lhe faria experimentar logo depois por sua grande prevaricação. A ordem que Deus deu a Adão, ao separar-se dele, nos faz ver que Deus o havia feito depositário de seu seminal reprodutivo, do qual ele não poderia abusar sem crime, como farei ver.

Dividimos o corpo do homem em três partes, a saber: em sólido, dado a mercúrio, ou aos ossos; em sangue, dado ao enxofre; e, em sal, dado à carne. O ser espiritual Divino encerrado nesse corpo preside não somente os movimentos dessa forma, mas também a preservação das essências que o compõe em sua pureza. O sangue é composto de seis glóbulos linfáticos brancos, que são da mesma natureza que o seminal reprodutivo, com a diferença de que eles são muito mais soltos que aqueles da medula dos ossos e do seminal; onde vemos reaparecer ainda o número ternário: a medula, o seminal e a linfa. Os seis glóbulos conservam sua cor branca, até que tenham formado sua união circular com aquele do centro que, contendo em si um veículo eixo do fogo central contido no envoltório do enxofre, comunica, desde o instante de sua união com os seis glóbulos brancos linfáticos, a cor vermelha tal qual a do sangue. Essa cor é, ela própria, um composto de três cores: o branco dado à linha, o amarelo dado ao enxofre, servindo de invólucro ao veículo, e o veículo eixo do fogo central, ou fogo incriado, que é da mais bela púrpura.

Observai, rogo-vos, meus irmãos a perfeição desse glóbulo por seu número; como o círculo, ele não tem valor senão por seu centro, que, como o sabeis, se divide em seis raios. Ora, do mesmo modo, essa divisão não pode se fazer senão pelo centro, que é o gerador, o sustentáculo e a vida do círculo, assim como o glóbulo do centro comunica sua cor, o movimento e a vida aos seis outros, dos quais estariam privados sem sua união. Sabemos que Deus não empregou senão seis pensamentos para a criação deste universo, e que consagrou o sétimo. O que teria ocorrido com todo o universo sem a bênção do Eterno? Ele teria permanecido sem vida. Igualmente, os seis glóbulos linfáticos são desprovidos de vida, privados da união de seu setenário que lhes comunica o calor, o movimento e a vida.

Vamos mais longe. Este universo, concebido pelo pensamento do Pai, a vontade do Filho e a ação do Espírito Santo, unamos esse número inefável <u>3</u> com os sete pensamentos que Deus empregou para a criação deste universo: teremos o número <u>10</u>, dado à Divindade. Do mesmo modo, uni o número setenário dos glóbulos compondo um glóbulo sangüíneo com os três princípios, ou cores, o branco dado à linfa, o sangue ao enxofre, formando o envoltório do veículo, e o veículo púrpura. Adicionai esses três números, <u>3</u> com o número setenário: tereis o número denário, <u>10</u>, dado à

Divindade. Essas provas, que todo homem que tem olhos pode verificar por si mesmo e que temos mil vezes observado, devem te convencer, oh! homem!, que o Eterno colocou sua imagem nas menores, como nas maiores partes da forma, para que todo homem tivesse sem cessar, diante de seus próprios olhos, de sua forma, a prova convincente da existência de um Deus vingador e remunerador. Não há nenhum ser sob o céu que possa duvidar da existência dessa grande Divindade. O próprio demônio está convencido disso, e não tem o poder de por em dúvida esse fato a qualquer ser que seja.

Todo ser espiritual, seja bom, seja mau, possui o pensamento, que a própria Divindade não lhe pode suprimir. O pensamento é, certamente, sem extensão; ele se desenvolve e aumenta tanto quanto quer; percorre todas as belezas da criação, engendra seres de toda espécie e os faz existir, os faz agir. Ora, as faculdades do pensamento não são outra coisa do que a semelhança inefável da fonte Divina de onde emanam. O Eterno, sendo pensante, e existindo necessariamente por si mesmo, transmitiu a todos seus filhos sua semelhança, pois vemos que o pensamento de cada ser pode engendrar: assim como Deus criou os seres. A Divindade lhes dá a existência dando-lhes leis, e o pensamento lhes dá a existência pelas dimensões que lhes dá; a Divindade os faz agir, o pensamento do mesmo modo faz agir os seres que gerou. A semelhança do pensamento do homem com a Divindade é perfeita. A diferença que existe é que Deus, sendo todo poderoso, não pode ter nenhum pensamento que não tenha sua realização; ao passo que o homem, sendo um ser limitado, não pode realizar senão um pequeno número de seus pensamentos. Mas enquanto ele tiver o pensamento, como qualquer outro ser, terá sempre dentro de si uma prova convincente da existência de um Deus. O ser mais perverso da terra pode, pela insinuação do mau demônio, dizer que de modo algum existe Deus, mas, no mesmo instante que o diz, passa nele um pensamento que lhe prova a existência necessária desse ser Divino, que imprimiu nele mesmo, em sua alma, caracteres indeléveis. Todo mau pensamento do homem pode, pois, se reduzir a dizê-lo, mas não há ninguém neste universo que possa vir a crê-lo, porque seria necessário para tal que pudesse destruir seu pensamento; coisa impossível a todo o ser emanado, uma vez que, destruir o pensamento, é destruir o próprio ser espiritual; ora, nenhum ser eterno de sua natureza pode se destruir. Ele pode tornar-se bom ou mau, mas não destruirá jamais seu pensamento, ou sua faculdade pensante.

É sobre esse pensamento que o Eterno opera e operará sem cessar. Se o pensamento é bom, ele ali manifestará sua glória e, se ele é mau, ali manifestará sua justiça, uma vez que tudo que se afasta de Deus está no sofrimento infinito da privação. Deus sendo a própria luz, nenhum ser qualquer pode participar da luz senão na medida em que se uniu a Ele. Todo o ser torna-se tenebroso no momento em que se afasta dessa luz; visto que essa luz sendo necessária para a felicidade, a vida e a proteção de todo o ser, as trevas não fazem senão a infelicidade, a morte e a destruição das faculdades de todo o ser que teve a infelicidade de se separar dela. Todo ser tem em si um fogo Divino, desde sua emanação suscetível de estabelecer comunicação com essa luz eterna. Esse fogo é a fé, que não é outra coisa senão a união perseverante do pensamento do ser particular com o Ser todo-poderoso. É a resistência desse pensamento bom ao choque contínuo do mau pensamento que forma o que chamamos fé. É por esse fogo Divino que nos unimos à luz eterna, do qual resulta necessariamente a vida de nossa alma e de nosso corpo. Separar-se desse fogo é cair nas trevas que não são senão a desgraça daquele que ali mergulhou, visto que essas trevas não contém em sua essência nenhum princípio de felicidade, de satisfação, nem de realidade física. Elas não são todas senão ilusão, senão erro e mentira, e não produzem senão a infelicidade eterna daquele que se deixou seduzir, porque o verdadeiro bem é Deus. Ora, toda felicidade existindo necessariamente na Divindade, não pode haver ali (nas trevas) senão infelicidade eterna em tudo o que da Divindade se separou.

Como o dia mais belo é o mais claro, igualmente a noite mais escura é aquela que tem a maior privação. Se o homem presta atenção, vendo com os seus olhos, observa durante o dia os objetos da natureza das formas, para a utilidade, a precisão e a necessidade da manutenção de sua forma. Suponhamos agora que este homem extirpe os olhos; como poderia distinguir os objetos da natureza

no mais belo dia? Ele estará cego, tropeçará, cairá, morrerá de fome e sede senão tiver ninguém próximo de si. É o mesmo caso de um homem que faz um mau uso das faculdades de sua alma. Ela tem olhos mais clarividentes que aqueles do corpo, que a conduzem na senda da luz. Sua má vontade, o mau uso de seu livre arbítrio, é o que lhe arranca os olhos da alma e a faz correr às cegas atrás dos objetos falsos de ilusão e de mentira, e a precipita definitivamente na morte eterna, que não é senão a separação total da luz.

Qualquer homem sob o céu, por mais estúpido, tenebroso ou mentiroso que seja, não pode duvidar dessas verdades sem dar uma nova prova do que antecipo. É que ele se separou por seus crimes da luz. Tudo o que ali contém será igualmente convencido que Deus, sendo a unidade existente necessariamente por si mesma, contém em si a plenitude de todos os seres; que cada um desses seres tem suas leis que tem uma relação com o ser necessário, uma vez que fora dele nada existe, e, por outro lado, o nada é também impossível, como a não existência do ser. Todo o ser tendo, pois, necessariamente sua relação absoluta com a Divindade, aquele que está mais unido a ela é o mais venturoso. A felicidade existindo necessariamente na Divindade, o ser mais desgraçado é aquele que está mais afastado da Divindade; não que o ser possa algum dia dela se separar, estando sempre sujeito pela lei da sua emanação do Ser necessário, que lhe serve de freio, de sujeição e de barreira intransponível a todas as suas operações nocivas, uma vez que está sempre sob a cadeia da justiça do Eterno se ele for mau, e sob a lei da liberdade se for justo.

Essa liberdade consiste no aumento de suas faculdades por ter feito o bem. Uma vez que seu crescimento é infinito, ele pode, pois, desenvolver toda a liberdade de seu pensamento em um campo tão imenso como as obras do Eterno, sem receio de ser detido, uma vez que eles são infinitos, ao passo que o mau fixa-se na privação, ou no padecimento eterno, uma vez que se ele quer trabalhar sobre qualquer coisa, é preciso que ele trabalhe sobre o nada. Ele não pode, pois, atacar senão as obras do Eterno que são infinitas. Seu padecimento deve, pois, ser infinito, uma vez que não poderá jamais destrui-las nem destruir a si mesmo. Que Deus esteja com vosso pensamento e o nosso, para sempre.

Amém!

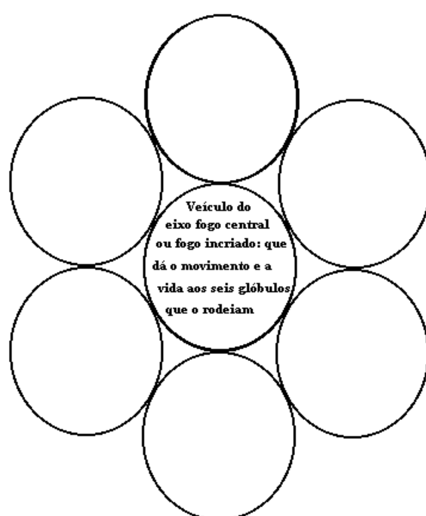


Figura dos seis glóbulos do sangue, que tiram o seu movimento do glóbulo do centro, que encerra o veículo do eixo do fogo central, ou fogo incriado.

NONA INSTRUÇÃO

DA REINTEGRAÇÃO DAS FORMAS

Meus irmãos,

Tudo o que começou adquiriu princípio, e tudo o que foi criado deve terminar. É um axioma inabalável, geralmente aceito, tanto pelos homens espirituais Divinos, temporais, como pelos homens materiais temporais. Mas, como a averiguação é bem diferente, vou vos falar da reintegração das formas, com o auxílio do Eterno.

Já vimos como o número ternário, 3, é o do corpo, por suas três essências espirituais; o senário, 6, é o de sua divisão, representando aquele dos seis pensamentos que o Criador empregou para a criação universal geral e particular. O número novenário, 9, é o da reintegração. No princípio da produção de um corpo, tal como aquele da formação de uma criança no corpo de sua mãe, esse seminal reprodutivo nos representa no seu primeiro princípio a matéria em sua indiferença, as três essências não tendo ainda nenhuma distinção, e estando em aspecto umas com as outras, sem forma; mas, tão logo elas estejam na matriz, recebem um movimento que parte do grau de fogo que ali se encontra, e que é produzido pela ação dos espíritos do eixo do fogo central e dos espíritos elementares que, acionando sobre o veículo da mulher, começam a trabalhar, modificar e distinguir as essências. No momento em que são distinguidas, o embrião toma forma; o que ocorre no fim de 40 dias, por um número de experiências reiteradas, para repetir sempre a toda a posteridade de Adão o pecado de seu primeiro Pai, cometido na quarta hora do dia, para lhe repetir sua penitência de 40 dias, sua reconciliação ao fim de quarenta anos, o que foi repetido por Noé, Abraão, Moisés e definitivamente por nosso Divino Mestre Jesus-Cristo quando jejuou 40 dias sobre a montanha do *Tabor*. No quadragésimo dia, o espírito menor desce no corpo, ou envoltório, ou na prisão, que acaba de lhe ser feita, e começa, desde este instante, a experimentar um sofrimento, porque a maior pena que um espírito possa sentir é a de estar limitado em sua ação. Consideremos um momento a posição desse ser. Ele tem os dois punhos apoiados sobre os olhos; envolvido no âmnio (a mais interna das membranas que envolvem o feto), nada em um fluído de corrupção, privado do uso de todos os seus sentidos espirituais, Divinos e corporais; ele recebe o alimento pelos abismos de sua forma, submetido a uma tão grande privação que ele não se agarra à vida senão por aquela de um ser quase tão fraco quanto ele; que ele participa de todas as suas penas, seus sofrimentos e seus males. Oh! Crime de nosso primeiro Pai! Heis o justo castigo que tu mereces. A justiça do Eterno submeteu toda a posteridade de Adão a passar pelas mesmas vias.

Consideremos aqui, meus irmãos, que o ser espiritual Divino que está no corpo da mulher está encerrado sob três véus espessos: o primeiro, sua própria forma; o segundo, aquele de sua mãe; e o terceiro, aquele do universo. No momento que sai do corpo de sua mãe, ele não está preso senão a dois véus: aquele de sua forma e o do universo; e, no instante que faz a sua feliz reintegração, não lhe resta mais senão aquele do círculo universal. Heis um belo ternário: o menor, no corpo de sua mãe, 1; o menor neste universo, 2; e o menor reintegrado, 3; o que prova ainda a feitura deste universo, ou os seis pensamentos, pela adição destes três números que dão 6. Em seu primeiro princípio, Adão, revestido de sua forma gloriosa, dominava acima de todo este universo, sem estar subjugado. Por seu crime, mergulhou toda a sua posteridade abaixo da escada que ela ficou obrigada a ascender.

O número novenário, 9, é o da reintegração e da destruição, porque subdivide as três essências que, em seu princípio, não continham senão um número ternário por sua união: mercúrio, enxofre e sal, 3. Mas como na parte mercurial existe um misto, visto que tudo o que tem forma é misto, na parte mercurial se encontram enxofre e sal, 3; na parte sulfurosa se encontram sal e mercúrio, 3; e na parte do sal se encontram enxofre e mercúrio, 3/9. O que os faz denominar mercúrio, enxofre e sal, é que essas três partes dominam em cada um desses mistos; mas, no instante em que o homem alcança, degrau por degrau, a sua formação perfeita, ele organiza e aperfeiçoa o que se pode denominar vegetação; ele começa a sua reintegração, insensível, antes de tudo como tinha sido sua formação,

até o momento em que, enfim, começa a sua reintegração inteira pela dissolução ou a divisão das essências.

No primeiro princípio, o germe contendo as três essências dá início à produção da forma. No momento em que o homem nasce, os alimentos das três essências, 3, lhe dão a vida, e todo o tempo de sua duração aqui em baixo. Mas, assim que as três essências cessam a sua produção e a vegetação, elas começam a sua reintegração, 3, subdividindo-se, isto significa que sua união no primeiro princípio determinou sua produção, sua divisão pela parte alimentar originou a sua vegetação, sua subdivisão produziu sua reintegração, porque nenhum corpo dos três reinos, vegetal, mineral e animal, pode subsistir sem estar, todo o tempo que tem forma, em um desses três estados de produção, vegetação e reintegração.

Entrarei agora na demonstração da reintegração. No momento em que o veículo eixo do fogo central, que formava a vida da forma, residindo no sangue e tendo a sua fonte no coração (da qual se dará a demonstração anatômica na seqüência), fez a sua reintegração, desde então, a forma começa a sua reintegração pelo que segue:

A forma do homem contém o germe de uma turba de animais répteis ou de insetos que começam o seu crescimento pelo trabalho de reintegração, que se faz pelo úmido grosseiro do cadáver que, por seu movimento, trava combate nos ovários dos animais rastejantes que existem no cadáver. Os espíritos elementares, agentes das formas conjuntamente com o fogo terrestre, ou do corpo geral, batendo seus fogos espirituais, entrechocam os ovários desses répteis, e, por sua reação, descobrem o envoltório ovário que os mantinha contidos. Esses insetos possuindo existência em cada uma das três essências, mercúrio, 1, enxofre, 1, e sal, 1/3, e contendo em si mesmos essas três essências - aqueles que viveram na parte do mercúrio, 3, aqueles que viveram na parte do sangue, 3, aqueles que viveram na parte do sal, 3. A reintegração desses insetos dá a cessação de toda a espécie de aparência da forma do cadáver, o que forma a reintegração perfeita da forma humana. É pouca a diferença de tempo do crescimento, da produção e da reintegração desses insetos que chegam aproximadamente à duração da reintegração da forma humana, o que prova que o número 9, ou novenário, é o da reintegração.

Observemos aqui, meus irmãos, a analogia que o corpo do homem, denominado “pequeno mundo” tem, com razão, com o universo. Como o universo, ele contém 3 partes: o universal, o geral e o particular; a imagem do universal pelo número inumerável de fibras que formam sua parte cartilaginosa e que não é possível calcular, senão enumerando os espíritos do eixo do fogo central; o geral, ou a terra, como ela, ele é triangular. Como ela, ele dá a vida a três gêneros de seres de forma, como acabado de demonstrar, o que nos representa os três reinos, vegetal, mineral e animal; como ele, enfim, contém o particular pelo número inumerável de pequenos vasos capilares sangüíneos, não mais sendo possível de enumerar esses pequenos vasos senão enumerando as estrelas que compõe o firmamento.

O corpo do homem contém ainda uma correspondência puramente espiritual com o ser menor que ele contém em privação. É que ele (corpo do homem) representa aos olhos da forma todo o físico espiritual que se opera sobre a alma espiritual Divina eterna. Observando-se bem a um, ver-se-á que é o protótipo do outro: a alma, como o corpo, tem a necessidade de alimento de sua natureza Divina; esse alimento, tomado com moderação, a mantém à vida, como o corpo; o alimento envenenado lhe dá, como ao corpo a morte da privação; ela tem suas doenças como ele, mas não é jamais afetada por aquelas do corpo, que, assim como ela, participou, pelo mau uso de seu livre arbítrio da doença do corpo; por meio do qual podemos nos convencer pelos suplícios que tem sofrido os felizes eleitos do Eterno, cuja alma desfrutava da contemplação do Espírito Santo e, em virtude disso, estava nas delícias, no tempo em que se oprimia a forma por todos os suplícios que a malícia demoníaca pode inventar. A alma desses menores, muito longe de participar das dores do corpo não

tinha deles nenhum conhecimento. Aqueles que, tendo cometido qualquer crime, sentindo o justo castigo, não sentem os seus efeitos, ainda que por desígnios bem diferentes em sua alma o suplício do corpo; ao contrário, o suplício que sua alma experimenta é incomparavelmente superior àquele de seu corpo. Nesse estado de justiça, a alma não experimenta senão satisfação, ainda que o corpo sofra e, no estado do justo castigo que segue o crime, a alma sente incomparavelmente dores mais vivas que o corpo; o que faz ver a necessidade do castigo da alma, da pena do corpo e daquela do espírito, para readquirir os conhecimentos que tivemos a infelicidade de perder pelo pecado de nosso primeiro Pai, uma vez que os conhecimentos não são senão a recompensa de nossa resignação de suportar os diferentes sofrimentos aos quais a posteridade de Adão foi muito justamente condenada.

É pela mais santa virtude da paciência que se alcança a feliz reintegração de seu ser espiritual Divino no lugar do repouso, e de sua forma em seu princípio eixo do fogo central. Que Deus conceda a todos nós essa graça.

Amém!

DÉCIMA INSTRUÇÃO

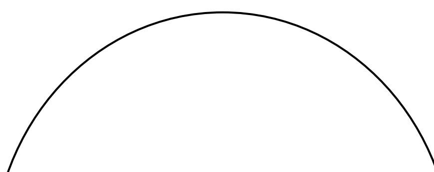
DESEJO, PACIÊNCIA E PERSEVERANÇA

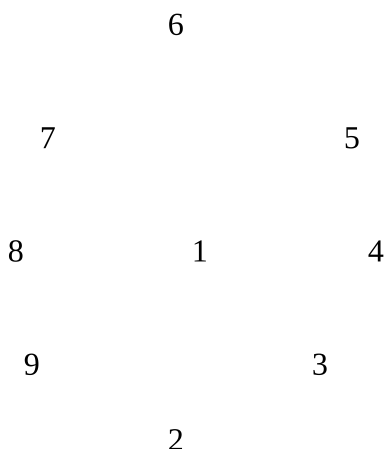
Meus irmãos,

O Eterno, todo-poderoso criador, cuja potência infinita se estende sobre o universo dos espíritos e dos corpos, contém em sua imensidade uma multidão inumerável de seres que ele emana quando quer, fora de seu centro. Ele dá a cada um desses seres, leis, preceitos e mandamentos, que são pontos de ligação desses diferentes seres com esta grande Divindade. Essa correspondência de todos os seres com o ser necessário é tão absoluta, que nenhum esforço desses seres pode impedi-la; eles não podem jamais, ainda que se esforcem, sair do círculo onde foram colocados, e cada ponto que percorrem desse círculo, não deixaria de estar, um só instante, sem relação com o seu centro; e, com forte razão, o centro não poderia jamais cessar de estar em junção, comunicação e relação com o centro dos centros.

A relação dos centros particulares com o centro universal é o Espírito Santo; a relação do centro universal com o centro dos centros é o Filho; e o centro dos centros é o Criador todo-poderoso. Deus, o Pai, criou os seres; seu Filho lhes comunicou a vida, e esta vida é o Espírito Santo. Podemos aí ver da demonstração pelo exame das três experiências físicas que vos apresentarei para servir de demonstração do que acabo de dizer.

A unidade, 1, encontra-se nos números 10, 7, 3, 4: ela se encontra em 10, em 7, em 3 e em 4; o que prova que é impossível poder alguma vez desnaturalizar a unidade, pela impossibilidade de encontrar um número onde a unidade não esteja, uma vez que ela é a geração, o sustentáculo e o fim de todos os números; já que após ter percorrido uma quantidade prodigiosa de números, se terminam por 9, não estão completos, pela ausência de sua unidade que os contém. Como em 10.000: se, ao invés dos zeros houvesse 9, esse número estaria incompleto uma vez que demonstraria que pode sofrer uma adição; enquanto a unidade unida aos zeros mostra sempre a emanação, a base e o complemento dos diferentes números: 1.000.000... Pode-se aumentar os zeros até o infinito, mas eles partem todos da unidade, e estão todos contidos pela unidade; o que se pode ver nos exemplos seguintes: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.





A unidade é aqui o princípio desses nove números, 1; após ele vem 2, onde há a unidade: 3, onde ela está também; e sucessivamente até 9, onde ela também está contida. Ora, 9 não podendo fazer um número completo, chega a 10, que nos mostra a unidade contendo todos os números, como a figura da página anterior.

Heis a prova física, matemática, do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Sabeis que os números são co-eternos. Deus não criou os números; eles existem de tempos imemoriais nele e é por eles que se fez todos os seus planos de criação dos diferentes seres. Vedes, pois, meus irmãos, que a unidade geradora é a imagem do Pai, 1; a unidade que segue todos os números 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 é a imagem do Filho, e porta seu número: 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9/44/8. Sabemos que através de todos os sábios do universo que o número 8 é o número da dupla potência dada ao Cristo, assim como terminastes de ver que ele é a vida de todos os seres que subsistem, tanto dos espíritos como dos corpos, visto que nenhum ser pode subsistir senão por um dos 8 números que acabamos de ver. Igualmente, o complemento de todos os números, que é 10, ou (1), nos mostra a imagem física do Espírito Santo, que contém tudo o que o Pai criou, tudo o que o Filho dirigiu, e forma desse modo a união eterna, inefável e indissolúvel das três unidades que compõe a tríplice essência da Divindade sem princípio nem fim, como podeis observar que a unidade, 1, sendo absoluta e necessária, tem, sem interrupção, emanado e criado seres, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9; que esses seres têm sempre sido dirigidos por sua ação direta, seu verbo Divino, seu Filho querido 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9/44/88, uma vez que ele completa por seu número todas as ações dos diferentes seres; e que eles estavam eternamente contidos pelo Espírito Santo, 10, ou, como a figura acima, como sendo o fim, o sustentáculo e o conservador de todo ser.

Essas grandes verdades, cuja demonstração está escrita em toda a natureza, são os arcobotantes (construção exterior em forma de meio arco, que serve para sustentar uma abóbada, uma parede), que devem sustentar o Homem de Desejo espiritual Divino bom em todas as suas operações espirituais temporais. Infeliz daqueles que se deixam seduzir pelos falsos prestígios dos intelectos demoníacos, para receber diante dos olhos de sua alma, que são o pensamento e a vontade, o véu abominável que lhes oculta essas três santas luzes feitas para serem conhecidas de todo homem! Mas, como a luz dissipa todas as trevas, da mesma forma as trevas, no mesmo instante em que o ser menor permite que elas tomem conta dele, dissipam nele toda a luz e o fazem errar como um cego procurando às cegas algum objeto que possa garanti-lo contra os perigos que o cercam; igualmente, a alma ofuscada pelo mau uso de seu pensamento procura objetos espirituais que possam dissipar o medo terrível que o espírito vingador do crime produz nela. Este terror, esse pavor, o estremecimento que a maior parte dos homens experimentam na obscuridade, constituem uma imagem perfeita do estado de sua alma. Esse medo que eles têm de encontrar nas trevas algum ser destruidor de seu corpo, deve acompanhar a alma daquele que procura nas trevas, pelo temor que

ela possui de encontrar algum ser destruidor da pureza do seu ser Divino que a conduz à privação da luz eterna que é Deus.

Se retirarmos uma grande lâmpada de um homem, que o ilumina e lhe faz ver todos os objetos circunvizinhos, ele continuará nas trevas durante o tempo em que se separar dessa lâmpada; sua vista perderá, durante toda a separação, a visualização dos diferentes objetos. O sol, por exemplo que ilumina os olhos do homem, lhe faz ver as diferentes belezas da natureza; através dele ele vê as diferentes belezas das sucessões dos diferentes corpos aparentes; através dele, se instrui dos diferentes objetos que passam sucessivamente diante de seus olhos; e quanto mais ele visualiza, tanto mais será instruído da natureza dos corpos cuja luz mostra as dimensões.

Suponhamos agora que esse homem seja encerrado em um horrendo calabouço que o priva da comunicação do astro solar: o medo diminui conforme o número de dias de sua privação. Quanto mais tempo ficar encerrado nas trevas, privado da luz do sol, mais sua vista enfraquece, e mais a lembrança de sua visão diminui; de modo que, se permanecer um certo número de anos sem ver a luz do sol, é preciso ter um cuidado especial para reconduzi-lo à luz, para evitar que, ao transportá-lo bruscamente à vista do sol de meio dia, as membranas de seus olhos, pouco exercitadas aos movimentos flexíveis que devem ter para estar em comunicação com este astro, e se encontrando em um estado de tensão, de rigidez e de dureza, e recebendo um grande número de raios aos quais não conseguem obedecer, e opondo-se por sua resistência uma nova força a seus raios, eles não dissolvem enfim, o próprio obstáculo, rompendo-se alguns vasos grossos do corpo e matando a forma daquele que desejou muito cedo aproximar-se do princípio da vida.

A aplicação do que acabo de dizer aos objetos espirituais é simples e fácil. Temos, sobre o assunto, um grande número de exemplos na Escritura Santa. Quando Moisés foi procurar a Lei que o Eterno lhe deu sobre a montanha do Sinai, foi preciso dizer ao povo que ninguém se aproximasse do pé da montanha e que, tanto homem, quanto animal, seria fulminado. Não é o mesmo que mostrar à Israel, que ele não tinha mais a visão suficientemente exercitada, suficientemente pura e limpa, para poder ver os objetos que estavam na montanha? Não é ainda mostrar o respeito que devia ter por todos os santos objetos que ali estavam, dos quais ele não devia aproximar-se senão de longe e trêmulo?

É, pois, absolutamente necessário usar da maior circunspecção, moderação e discrição sobre todos os objetos que a Ordem possui e caminhar com a maior consideração no caminho que conduz ao fim; por que cada senda que ali conduz tem espinhos, dificuldades e obstáculos que é preciso dissipar, extirpar, afastar. Ser conduzido ao caminho sem ter desviado esses obstáculos, constitui uma dificuldade ainda maior para superá-los.

Desse modo, a prudência, tão recomendada pelo próprio Jesus-Cristo, deve ser o alicerce de nossos passos. Um grande número de forças dadas a um general pouco experimentado não fazem senão aumentar sua derrota. É necessário, antes de lhe dar um corpo grande, que ele saiba ao menos dominar um corpo pequeno. O mesmo ocorre com nossa alma: é necessário que ela tenha se exercitado por muito tempo nos pequenos combates antes de resistir aos grandes; as maiores forças que se lhe dá aumentam seus combates. Assim, é preciso saber moderar o desejo de avançar, pelo medo de cair. Vimos que o uso dos alimentos, tão necessários à vida do corpo, utilizados em quantidades muito grandes, e sobretudo em convalescença, são freqüentemente mortais aqueles que os empregam. É, pois, indispensavelmente necessário acostumar pouco a pouco o seu estômago às carnes antes de fazer grandes refeições cuja digestão é sempre difícil. As diferentes provas que se deve submeter aos sujeitos para certificar-se de seu desejo, fidelidade e perseverança são desse gênero.

Um sujeito tem hoje um grande desejo e amanhã não tem mais, porque mudou de pensamento. É, pois, necessário dar-lhe mais tempo antes de admiti-lo, para saber se possui um desejo verdadeiro.

Se possuir, seu desejo aumenta em razão das dificuldades, e, se não o tem, as dificuldades o aniquilam; o que sempre é um grande bem: 1º, é um homem de desejo superficial: se tivesse entrado na Ordem, teria sido um mau sujeito; é, pois, um grande bem que não entre; 2º seu desejo é verdadeiro, o tempo não faz senão aumentá-lo; 3º, os diferentes obstáculos que lhe são colocados e que supera lhes darão um mérito ainda maior, que tem a sua recompensa.

Desejo, paciência e perseverança. São três virtudes que rogo ao Eterno de nos conceder a todos e de nos manter para sempre sob sua santa guarda.

Amém!

FIM DA DÉCIMA E ÚLTIMA INSTRUÇÃO AOS *HOMENS DE DESEJO.*

NOTA DO EDITOR

O *Curso de Física Temporal Passiva e de Física Espiritual Eterna* que, segundo seus próprios termos, dá aqui um irmão no qual temos, sem dificuldade, garantido a autoridade, nenhum outro reproduz como Saint-Martin, o Filósofo Desconhecido (ele não atribui a si o título de seu primeiro livro *Dos Erros e da Verdade*, mas assina como um *Filósofo Desconhecido*). Acrescentemos, também, antes mesmo de suprimir o seu anonimato, que nele a Ciência se alia com muita sabedoria. Ninguém duvida que essas qualidades, e a competência, não sejam verificadas na leitura das instruções onde se dá o curso.

INSTRUÇÕES PARA OS TEMPLOS ELUS COHENS, PARA MAIOR GLÓRIA DO ETERNO.

Tal é, no início da primeira página, o título do documento em questão, conforme o único testemunho acessível, que temos seguido. Importa agora explicar como identificá-lo tanto quanto possível.

Mas seja dito primeiramente que esse título original, se nós o modificamos até recrutar todos os homens de desejo a fim de generalizar, sem abuso, essa semelhança, ao alcance das instruções.

Em dez fascículos foram transcritos as 122 primeiras páginas de um manuscrito que compreende 187 (94 folhas), paginadas e escritas no rosto e no verso com tinta escura. O formato, 19,5x12,5, é o de um exemplar da primeira edição *Dos Erros e da Verdade* (1775), na seqüência do qual foi acrescida a cópia das instruções, seguida, ela mesma, de um outro texto.

Heis, em suma, *"O Índice do que está contido no suplemento",* no rosto da última folha, paginada 287 (sic para 187): 1ª instrução, p.1: 2ª, p.18; 3ª, p.31; 4ª, p.43; 5ª, p.55; 6ª, pp.66; 7ª, p.81; 8ª, p.94; 9ª, p.104; 10ª, p.113. - *Tratado das Bênçãos*, p.123. Embaixo desse índice, para encerrar o suplemento, uma data em algarismos: 1776.

Sabe-se que o *Tratado das Bênçãos* foi redigido por Saint-Martin, também em maneira de instrução; seu primo, Nicolas Tournyer, o editou no segundo tomo das *Obras Póstumas* do Teósofo, 1807. A versão manuscrita acrescentada às presentes instruções difere do texto impresso de modo sensível.

As Bênçãos e nossas instruções são da mesma mão, que não é a de Saint-Martin, ainda que seja mais ou menos contemporâneo. Não consegui descobri-lo. Algumas linhas em *fac-símile* se sucedem, para o amador mais perspicaz e, eu o espero, caridoso. (Extraído da instrução II, no formato).

Nenhuma indicação permite de modo algum atribuir ao primeiro proprietário; nem mesmo nenhum dos antigos proprietários do volume aumentado da maneira de que acabo de falar, cuja encadernação totalmente de couro data do Século 18. (É verdade que uma nota, recortada de um catálogo com o preço estipulado, foi colada na folha de rosto. Mas não pude identificar o livreiro e não é certo que essa nota muda, colocada sobre o suplemento manuscrito, se relaciona a nosso exemplar.)

2.de Instruction.

M. frères,

Nous avons vû dans le discours précédent

Em última instância, o volume pertence ao meu bem amado e reverendo irmão Jean Baylot, cujo ex-libris figura no verso do plano superior e que passou para o Oriente Eterno em 1976. Ele havia legado toda a sua biblioteca maçônica à Biblioteca Nacional de Paris e foi dessa forma que, após 1978, nosso livro ali foi conservado no Fundo FM, no Gabinete dos Manuscritos (ainda não catalogado). Um respeitoso e cordial agradecimento à Florence de Lussy, conservadora do Fundo, que desejava muito, serviçal como de costume, facilitar a comunicação e a fotografia.

//

Além dos arcaísmos banais, pela cópia das *Instruções,* vemos que elas sofrem numerosos erros de ortografia e de estilo; elas são bizarramente pontuadas, e seguidamente às avessas. Mesmo algumas palavras foram mal interpretadas. Mal interpretadas, no sentido literal, ou mal lidas? Não o sei, porque a origem dessa cópia pouco inteligente ficou obscura e, por conseguinte, obscura também sua concepção com o texto improvisado ou redigido por Saint-Martin.

Essas condições nos persuadiram que seriam apropriadas as regras seguintes da edição:

1. O texto é integral, exceto: as palavras “elus cohens” foram suprimidas no final do primeiro parágrafo da primeira instrução, p.15, para corresponder com o título ampliado do curso; no final da terceira instrução, p.10, linha 8, as palavras “à diferença de” que o copista havia evidentemente esquecido, foram restituídas pelo sentido; na quarta instrução, p.3, linha 2, a conjunção “e” foi acrescentada.

2. O texto manuscrito comporta um número pequeno de parágrafos. Eles foram mantidos e multiplicados quando necessário.

3. A ortografia, a pontuação e a apresentação foram modernizados; abreviações foram desveladas.

4. As inaptidões, às vezes as incorreções sintáticas permanecem; as inaptidões, às vezes as incorreções de ordem morfológica foram, conforme o caso, mantidas ou corrigidas. Mas, quando havia ambigüidade, aqui ou lá, não intentamos reduzi-la.

5. O índice final do manuscrito que a presente nota resumiu mais acima, foi substituída mais abaixo, por um índice de minha autoria.

6. FIGURAS

I, 5: a figura falta no manuscrito; nós a reconstituímos.

I, 7: figura redesenhada na reprodução do original.

I, 10: *fac-simile* (um erro técnico cortou a letra Aleph, no centro do semicírculo superior). O copista havia transferido esta figura para o final da Instrução; nós a colocamos em seu lugar natural.

I, 12: as letras hebraicas foram redesenhadas.

I, 17: figura acrescida que o texto pede, do quadro universal, em *fac-simile* no formato de um desenho de Saint-Martin, em sua cópia do *Tratado da Reintegração dos Seres Criados*, por Martinez de Pasqually (Fundo Z). Do mesmo quadro, um outro *fac-simile* reduzido foi acrescido às instruções sob a forma de uma ficha móvel, que o leitor poderá olhar quando quiser.

II, 7: figura redesenhada no formato do original.

II, 10: figura redesenhada no formato do original.

III, 14: *fac-simile* aumentado de um terço.

IV, 3: figura redesenhada na cópia do original; esta figura foi também colocada novamente no fim da Instrução, no lugar adequado.

VIII, 15: figura redesenhada na cópia do original.

X, 3: *fac-simile* na cópia do original.

X, 4: figura redesenhada na cópia do original.

De modo a guardar em nossa edição o procedimento pessoal, que afeta o manuscrito, de um escrito de envergadura, preferiu-se uma quirografia à tipografia: Antoine Abi Acar aplicou-se aqui, piedosamente.

Queira o leitor perdoar alguns erros ou lapsos, que ele próprio poderá corrigir, e que será, portanto, inútil referir aqui. Contudo, à exceção dos seguintes, que afetam o sentido, convém mencionar: I,7, linha 1: "Deus é, o número tem": I, 10, figura: o Aleph está cortado, como se mencionou acima: IV, 7, linha 4 a partir de baixo: "pela disposição", VII, 11, linha 3: "é por"; d), linha 7 a partir de baixo: "a torna".



Estas instruções de Saint-Martin aos Elus Cohens, seus irmãos, que ele interpreta no início de cada uma, não são únicas em seu gênero. *O Tratado das Bênçãos*, no mesmo manuscrito, o atestava. Mas o autor redigiu outros cursos ainda dessa espécie, que expõe os princípios fundamentais da Ordem, cujo elogio, aqui notadamente reaparece. Sobre as circunstâncias do ensinamento em regra que o *Teósofo de Ambroise* dispensa e sobre seu programa, consultou-se a edição completa das *Lições de Lyon* (a ser publicada nas Edições de la Maisnie, Guy Trédaniel, na série "Tesouro Martinista": *as Bênçãos* são tratadas nessa obra, entre outros temas.

Quanto ao fundamento dessas *Instruções*, observemos que elas são, como o resto, de uma perfeita fidelidade ao sistema Martinesista da Reintegração; cosmosofia, antroposofia e teosofia, onde os números, objeto da aritmosofia, são meios de ação Divina e de investigação humana. Que essas

ciências e as virtudes não se possam separar, é também de boa teoria Cohen. No entanto, parece-me que, nos dez fascículos onde me isolo, a começar pelo primeiro, a marca original de Saint-Martin se reconhece quando ele glorifica, exalta o desejo e prega o que ousarei chamar de um moralismo metafísico - reflexo, ou sinônimo de seu “espiritualismo ativo”.

Também enternece a fé ortodoxa em Jesus-Cristo, verdadeiro Deus, não somente subjacente do início ao fim, mas muitas vezes afirmada, especificada, exortada. Esse Cristianismo, como essa insistência sobre as virtudes morais, prontas a se substituir na vida do teurgo às entidades intermediárias, ditas também virtudes, pela graça do único mediador que é o Reparador, é seguramente de Saint-Martin mais que de seu primeiro Mestre: porque as cerimônias, desde então, não dariam seu lugar ao interno?

FIM



Sociedade das Ciências Antigas